

Mês das almas do Purgatório

Meditações práticas para cada dia do mês de
novembro

Pe. Martin Berlioux

Sumário

Sumário	i
Oração Inicial	v
Véspera do primeiro dia — Introdução	vii
1 Primeiro dia — Santificação deste mês	1
2 Segundo dia — O Purgatório	5
3 Terceiro dia — Existência do Purgatório I	9
4 Quarto dia — Existência do Purgatório II	13
5 Quinto dia — Sofrimentos do Purgatório, a pena do fogo	17
6 Sexto dia — A pena da privação	21
7 Sétimo dia — A pena do remorso	25
8 Oitavo dia — Duração das penas do Purgatório	29
9 Nono dia — Impotência das almas do Purgatório	33

10	Décimo dia — Os dois caminhos que conduzem ao Purgatório	37
11	Décimo primeiro dia — Santidade das almas do Purgatório	41
12	Décimo segundo dia — Estado das Almas do Purgatório em relação a nós	45
13	Décimo terceiro dia — As almas negligenciadas	49
14	Décimo quarto dia — Alívio das almas do Purgatório	53
15	Décimo quinto dia — O esquecimento dos mortos	57
16	Décimo sexto dia — Primeiro motivo para socorrer as almas do Purgatório: a Glória de Deus	61
17	Décimo sétimo dia — Segundo motivo para socorrer as almas do Purgatório: o Amor de Nosso Senhor	65
18	Décimo oitavo dia — Terceiro motivo para socorrer as almas do Purgatório: o Amor de Maria	69
19	Décimo nono dia — Quarto motivo para socorrer as almas do Purgatório: a gratidão dos falecidos	73
20	Vigésimo dia — Primeiro modo de aliviar as almas do Purgatório: a oração	77
21	Vigésimo primeiro dia — Segundo modo de aliviar as almas do Purgatório: a esmola	81
22	Vigésimo segundo dia — Terceiro modo de aliviar as almas do Purgatório: a Santa Comunhão	85

23 Vigésimo terceiro dia — Quarto modo de aliviar as almas do Purgatório: o Santo Sacrifício da Missa	89
24 Vigésimo quarto dia — Quinto modo de aliviar as almas do Purgatório: o sofrimento	93
25 Vigésimo quinto dia — Sexto modo de aliviar as almas do Purgatório: a Via Sacra	97
26 Vigésimo sexto dia — Sétimo modo de aliviar as almas do Purgatório: as Indulgências	101
27 Vigésimo sétimo dia — Oitavo modo de aliviar as almas do Purgatório: o ato heroico de caridade	105
28 Vigésimo oitavo dia — Como podemos evitar o Purgatório	109
29 Vigésimo nono dia — As aparições	113
30 Trigésimo dia — As últimas vontades dos falecidos	117
Conselhos práticos	121
Orações	125

Oração Inicial

Oremos. Senhor, escutai as orações que Vos ofereceremos todos os dias deste mês, pela consolação de nossos irmãos e irmãs falecidos, e concedei-lhes um lugar de descanso, de luz e de paz! Escutai também as orações que essas almas Vos oferecerão por nossa intenção, para que possamos finalmente obter, através de sua intercessão, as graças que Vos pedimos.

Véspera do primeiro dia

Introdução

Aliviar os mortos e ser útil aos vivos, tal é, piedoso leitor, o duplo objetivo que nos propusemos ao compor este pequeno volume. Sabemos bem, no mundo cristão, que a oração dos vivos é útil aos mortos, mas o que não sabemos tão bem é que ajudar os mortos é útil também aos vivos. Ó, sim, o poder e a gratidão das almas do purgatório são muito pouco conhecidos e apreciados, e não nos preocupamos o bastante em recorrer à sua intercessão. No entanto, seu crédito é tão grande que, se não fosse pelo testemunho das experiências do dia a dia, a muito custo poderíamos acreditar.

Na verdade, essas almas não podem mais ganhar mérito, elas já terminaram a caminhada, mas elas tem a capacidade de fazer valer seus méritos anteriores em nosso favor. Elas não podem obter mais nada para si mesmas, mas as orações que fazem por nós e os sofrimentos que suportam têm tudo o que é preciso para tocar o coração de Deus. E se podem elas ser muito úteis enquanto estão ainda nesse lugar de expiação, o que elas não farão por nós quando estiverem no Céu? Como elas serão gratas aos seus bem feitores!

Um grande número de teólogos, entre outros Santo Afonso de Ligório, São Roberto Belarmino, Suárez, ensinam que podemos legitimamente e de maneira muito útil invocar as almas do Purgatório para obter de Deus as graças e os favores de que necessitamos, seja

para a alma, seja para o corpo.

Santa Teresa tinha o costume de dizer que tudo o que ela pedia a Deus, pela intercessão dos fiéis defuntos, lhe era concedido. Santa Catarina de Bolonha disse:

Quando quero muito obter uma graça, eu recorro a essas almas sofredoras, afim de que elas apresentem meu pedido ao Senhor, e a graça é sempre alcançada.

Ela assegurava que havia recebido pela intercessão dos mortos até mesmo favores que não lhe tinham sido concedidos pela intercessão dos santos.

Enfim, o Santo Cura d'Ars disse um dia:

Se soubéssemos quão grande é o poder das almas do Purgatório e quantas graças podemos obter de Deus por sua intercessão, elas não seriam tão esquecidas! Rezemos bem por elas, para que elas rezem muito por nós.

Há certos favores temporais que parecem estar particularmente reservados à essas boas almas: a cura de uma doença grave, a proteção contra um perigo, a vitória num processo, o sucesso de um empreendimento importante, a feliz celebração de uma aliança honrosa... Deus sabe o quanto os homens dão importância a esses bens de segunda ordem, e os colocou, por assim dizer, à disposição das almas padecentes, afim de nos animar a procurar-lhes os mais abundantes alívios.

Temos tudo a ganhar, portanto, ao trocarmos assim nossas orações pelas orações de nossos irmãos falecidos. É admirável a economia da Providência! É tocante o mistério da Comunhão dos Santos! Ao mesmo tempo em que nós os aliviemos, por nossas orações e que nós os livramos do cativeiro, eles oferecem a Deus por nós as suas lágrimas, seus suspiros, seus sofrimentos, seus méritos de outrora, suas súplicas incandescentes, e Deus derrama sobre nós as mais abundantes bênçãos, espirituais e temporais.

Quantos benefícios, quantas consolações de todo tipo há na prática da caridade cristã dirigida aos membros da Igreja padecente! Que fortes motivos para celebrar bem este mês bendito que lhes é consagrado!

Ao trabalho, portanto, caro leitor! Ao trabalho! Façamos cada dia uma visita aos nossos amigos, aos nossos irmãos, aos nossos conhecidos no Purgatório; uma visita também às almas que mais sofrem, às mais esquecidas. Levemos a elas um pouco de alívio, apressemos sua libertação. Meu Deus! Que possamos esvaziar o Purgatório!

Primeiro dia

Santificação deste mês

Razões para a santificação deste mês

As origens do mês dedicado aos mortos remontam ao Antigo Testamento, ao povo de Israel. Este povo, de fato, que sozinho possuía o verdadeiro Espírito de Deus, não se contentou em proclamar em seus livros sagrados que orar pelos mortos era uma obra santa e salvífica, mas também quis determinar a duração de tal oração. Foi estabelecido que o luto não cessaria até que cada um dos falecidos tivesse sido lamentado por um mês. Assim, após a morte de Jacó, seus filhos o lamentaram e fizeram orações por trinta dias.

Inspirada por uma prática tão antiga e aprovada, a piedade dos fiéis consagrou um mês inteiro ao alívio das almas no Purgatório. E como a Igreja celebra o *Dia de Todos os Fiéis Defuntos* no segundo dia de novembro, este mês pareceu o mais apropriado para esta devoção. O mês consagrado às almas do Purgatório, recomendado pelos soberanos pontífices e enriquecido com favores espirituais é publicamente celebrado por um grande número de comunidades religiosas e paróquias cristãs.

Acolhe com grande alegria o despertar deste mês que tão admiravelmente responde às necessidades do coração. Ele lhe lembrará das

mais ternas memórias de família, das mais sagradas promessas, das mais tocantes despedidas. Ele desenvolverá a sua compaixão pelos familiares e amigos que, devido ao seu sofrimento e estado miserável, tornam-se mais queridos.

Sim, a dignidade dessas almas desafortunadas, a severidade de seu sofrimento, sua incapacidade de salvarem-se a si mesmas, a Glória de Deus, vosso interesse pessoal, enfim, tudo clama para que as visite e venha em seu auxílio, a cada dia deste mês. Ó! Não é este o mês dos suspiros e das lágrimas? Não é este o mês da caridade e do reconhecimento, o mês dos vivos e dos mortos, o mês verdadeiramente libertador? Cheio de entusiasmo no início de tal mês, uma santa exclamava ao começar os exercícios do mês de novembro: *Esvaziemos o Purgatório!*

De maneira menos ambiciosa, mas não menos zelosa, diz a si mesmo, caro leitor: *Quero aliviar muitas Almas do Purgatório, durante este Mês de bênçãos que lhes é consagrado! Eu quero, eu devo, eu posso!*

Meios de santificar este mês

Para aproveitar bem o mês dos mortos, toma hoje as seguintes resoluções e cumpre-as fielmente. A cada dia, pela manhã, ofereça à Deus, pelas almas do purgatório, os méritos de seu trabalho, de seus sofrimentos e de suas boas obras. Diz ao despertar: *Senhor, tudo para maior gloria Vossa e pelo alívio de meus antepassados falecidos!* Separe um tempo específico durante o dia para ler atentamente a este pequeno livro. Esta leitura esclarecerá o seu espírito e aquecerá seu coração. Não deixe nunca de fazê-la. Vá algumas vezes ao cemitério depositar sobre o túmulo de todos aqueles que lhes foram próximos, com suas lágrimas e orações, uma lembrança que os console. Ó! É aí que é bom rezar e chorar! Cada semana, separe um dia especial às almas do purgatório, quarta-feira por exemplo, e assista à santa Missa nessa intenção. No decorrer do mês, faça pelas almas uma esmola ao pobres e uma ou várias comunhões fervorosas.

Sim, faça assim, alma cristã e compassiva, e ao final deste mês libertador terá enviado para a Igreja triunfante do céu um grande número dos irmãos que gemem e choram nas chamas do purgatório. Que motivo de consolações! Que penhor de esperança! *Vamos, levantai-vos!* Dizia São Bernardo. *Voai em socorro das almas dos defuntos, chamai sobre elas a clemência divina com gemidos de penitência, implorai a misericórdia com suspiros de mortificação, satisfazei por elas com o sacrifício da missa, resgatai-as com orações, e lhes abrireis as portas do Paraíso.*

Exemplo

Eis como uma pessoa digna de fé conta sua cura extraordinária, obtida pela intercessão das almas do purgatório, durante o mês de novembro.

Eu estava, já há vários anos, atingida por uma doença cruel que fazia do meu corpo um esqueleto, de minha vida um martírio, e que me conduzia insensivelmente ao túmulo. Consultei vários médicos de renome, mas todos os remédios que me prescreviam, após alguns raros momentos de alívio, me deixavam mais frágil e abatida. Não podendo nada obter dos recursos da medicina, deixei de lado os medicamentos e recorri às almas do purgatório que compreendem tão bem o mistério do sofrimento. O mês de novembro, que lhes é especialmente consagrado, iria começar. Tomei a resolução de o celebrar com todo o fervor possível, e de concluí-lo com uma boa Comunhão. Os meus pais e as pessoas piedosas que conhecia uniram suas preces às minhas. Cada dia, reunidos à noite em meu quarto, aos pés de uma imagem de São José, pedíamos com confiança duas coisas: a libertação das pobres almas do purgatório e o alívio dos meus males. Ao final da primeira semana, experimentei

uma melhora sensível, que coisa admirável! No último dia do bendito mês, eu estava na igreja, à mesa santa, inebriada de alegria, de felicidade e agradecendo. Minha cura estava completa, não havia sobrado traço algum da doença que me havia torturado por tanto tempo e que, como diziam os próprios médicos, era incurável. Graças sejam dadas às santas almas do purgatório cuja proteção se manifestou de maneira visível a meu favor!

Que favores vamos receber também, para nossos fiéis defuntos e para nós mesmos, se praticarmos santamente as devoções deste belo mês! Tenha coragem, e confiança!

Oremos. Deus bom e misericordioso, dignai-vos ouvir as fervorosas orações que vos dirigimos durante este mês de bênçãos. Nós vos oferecemos cada dia, cada hora, pelo alívio e libertação dessas almas cativas que suplicam a vós e a nós, do fundo de sua prisão tenebrosa. Senhor, chamai vossos filhos, nossos irmãos, ao repouso eterno. Que a luz que nunca se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Segundo dia

O Purgatório

O que é o Purgatório?

A fé nos ensina que o purgatório, como a palavra indica, é um lugar de sofrimento e de expiação, onde a justiça divina termina de purificar as almas dos fiéis que não são suficientemente culpadas para serem precipitadas no fogo eterno, nem suficientemente puras para serem admitidas no céu. Não é o Paraíso, onde nenhuma mancha pode penetrar; também não é o inferno, onde não pode haver redenção; é um lugar intermediário entre as alegrias infinitas do céu e as infinitas dores do inferno. É semelhante ao inferno pelo rigor dos suplícios, e semelhante ao céu pela santidade dos que aí padecem. É uma prisão, mas que não é eterna; é um fogo devorador, mas que purifica; é um tempo de lágrimas, mas não é o lugar de choro e ranger de dentes de que falam as escrituras. Quando o tempo de purificação termina, quando Deus não tem mais o que cobrar de seus devedores libertados pelo sofrimento, Ele os chamará para perto de Si, para fazê-los partilhar de sua própria felicidade. O purgatório é, portanto, uma pena temporária, e não existirá mais após o juízo final. Alguns doutores pensam que ele está situado no centro da terra, muito próximo do inferno, quase como um apêndice. Eles o chamam de

lugar inferior, poço profundo, terra de misérias e de trevas.

Tal é o purgatório. Pois bem, é lá que sofrem e gemem a maioria das almas que terminaram sua peregrinação aqui na terra. Pois a entrada imediata no Paraíso é privilégio de apenas um pequeno número, dizem os teólogos. É lá, portanto, que estão provavelmente nosso parentes, benfeitores e amigos cuja perda ainda sentimos. É lá que nós mesmos, cara alma cristã, estaremos provavelmente um dia! Talvez muito em breve! Ah, quem imagina morrer suficientemente puro de modo a não ter nada a expiar? Cabe a nós, portanto, conhecer bem o estado dessas pobres almas, para compadecer-nos de suas dores, e merecermos suas preces de alívio quando for chegada a nossa vez!

Por que o Purgatório?

Quando uma alma aparece diante do soberano Juiz, se ela se encontra sem mancha, Jesus lhe abre as portas do céu e lhe dá a coroa prometida aos vencedores. Pelo contrário, se é reconhecida culpada de um só pecado mortal, a sentença de sua condenação eterna é pronunciada no mesmo instante. Mas o que acontecerá com as almas que têm apenas algumas manchas de pecado? Para onde irão? Que será das almas que não são tão puras para subir ao céu, nem tão culpadas para descer ao inferno? Serão elas privadas para sempre de ver a Deus face a face? Ó! Bendito seja o Senhor que encontrou um meio de conciliar sua justiça e sua misericórdia ao colocar o purgatório como um marco entre o céu e o inferno. Lá, essas almas se purificam como o ouro no cadinho. Lá, apagam-se a ferrugem e os traços do pecado. Assim Tertuliano, fazendo alusão aos sofrimentos que lá se suportam, os chama de tormentos da misericórdia, *tormenta misericordiae*.

Considerai, portanto, cara alma cristã, que o purgatório tem sua razão de ser. Sim, ele é necessário para completar a penitência que não foi feita neste mundo, para satisfazer à justiça divina, e

para merecer pela expiação um peso imenso de glória. É uma invenção da bondade do Salvador, que poderíamos chamar de oitavo sacramento, o sacramento do fogo, para as almas às quais os sete sacramentos verdadeiros não foram suficientes para conferir uma pureza perfeita. Glória, portanto, à misericórdia divina que salva pelo purgatório aqueles que amamos, e nos fornece os meios de abreviar seus sofrimentos e de lhes abrir o céu.

Exemplo

Um padre terminou sua homilia sobre o purgatório da seguinte maneira.

Há alguns dias, recebi a triste notícia que um idoso, molhado pela piedade de outros tempos, revestido de todas as virtudes cristãs, veio a falecer. Este senhor é meu pai! Estando longe de minha pátria e de minha família, essa notícia me partiu o coração. Não tive a felicidade de abraçar meu pai pela última vez; não pude fechar-lhe os olhos com minha mão sacerdotal, essa mão que ele tanto amava beijar quando ela recebeu a unção do sacerdócio. Pois bem, na pena que sinto, na dor que me abate, a única consolação que experimento é poder aliviar sua alma pelo sacrifício de Jesus Cristo; é poder recomendá-lo como o recomendo às orações de todos vós, que sois tão bons e tão generosos para comigo. Quando, nesse pensamento, subo ao altar, a fim de oferecer o Santo Sacrifício pelo repouso da alma de meu pai muito amado, parece-me que não o perdi; parece-me que ele me agradece por esse último testemunho de minha piedade filial; parece-me que ele me abençoa ainda tão afetosamente quanto me abençoava nesta terra; parece-me enfim que minha oração suaviza, abrevia suas penas, liberta-o do Purgatório e lhe abre o Céu, onde ele

me espera na casa de Deus. Ó, como é santo e salutar orar pelos mortos! Ó, que invenção da misericórdia de Deus é o purgatório!

Oremos. Meu Deus, eu adoro vossos decretos eternos; confesso que o purgatório, que reconcilia vossa justiça e vossa misericórdia, é uma invenção do vosso Amor. Fazei, Senhor, que eu evite, pela penitência, este lugar de penas e privações, e que minha oração obtenha de vossa indulgência paternal o fim do exílio dessas almas sofredoras que vos clamam com tanto ardor. Ó Jesus, lhes sejais propício! Senhor, chamai vossos filhos, nossos irmãos, ao repouso eterno. Que a luz que nunca se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Terceiro dia

Existência do Purgatório I

A Palavra de Deus

A existência do purgatório não é somente uma crença piedosa, que somos livres para aceitar ou rejeitar, é um dogma formal, ensinado pela fé, e que devemos professar sob pena de excomunhão. Sim, *é um pensamento santo e salutar*, diz o Antigo Testamento, *de rezar pelos mortos, afim de que sejam livrados de seus pecados*. Os judeus estavam tão convencidos desta verdade, que eles tinham em seu Ritual uma oração especial que o chefe da família deveria fazer para a libertação dos falecidos antes de se sentarem à mesa.

Mas escutemos o próprio Jesus Cristo: *"Acertai as contas com vosso adversário, enquanto estais em vida: pois, do contrário, vosso adversário o entregará nas mãos do juiz, e o juiz o entregará ao seu ministro que o lançará na prisão, de onde só saireis quando tiverdes pago vossa dívida até o último centavo."* Ora, esse adversário, nos diz Santo Agostinho, é o próprio Deus, o inimigo irreconciliável do pecado. Esse juiz inexorável é Jesus Cristo, que se chama, na Escritura, o juiz dos vivos e dos mortos. Enfim, essa prisão temível é o Purgatório, de onde não se pode sair senão depois de ter satisfeito inteiramente à justiça divina.

Jesus não se contentou em gravar em nossos corações a lembrança do Purgatório, ele nos deu o exemplo; pois, após sua morte, ele desceu ao limbo, para consolar e libertar as almas dos Patriarcas.

Meu Deus! Eu creio no Purgatório, como em todos os dogmas que vós ensinais, porque vós não podeis nem vos enganar nem me enganar. Eu adoro a equidade de vossos julgamentos, mesmo nos rigores de vossa justiça!

O ensinamento da Igreja

A fé da igreja não é menos explícita. Veja como a formula o concílio de Trento: *Que seja anátema quem afirma que, após haver recebido a graça da justificação, todo pecador obtém de tal modo a remissão de sua falta e o perdão da pena eterna, que não lhe resta nenhuma dívida temporal a pagar, nem neste mundo nem no outro – no Purgatório – antes que lhe seja aberta a entrada do reino dos Céus.* Todos os doutores, gregos e latinos, todos os povos antigos e modernos professaram a mesma crença.

De acordo com este ponto de fé, a Igreja, mãe terna e compassiva, reza todos os dias pelas almas do purgatório, e termina cada um de seus ofícios com um clamor de dor e de esperança: *Senhor, dai-lhes o repouso eterno!* Ela obriga todos os seus sacerdotes a pensar nelas, no santo sacrifício, e recomenda a seus filhos oferecer frequentemente a Deus seus votos, suas esmolas e todas as obras satisfatórias pela libertação de seus irmãos falecidos. Enfim, Ela determinou um solene aniversário, onde chama a cristandade inteira em socorro dos fiéis falecidos. É a comovente festa de dois de novembro.

Cristãos, como é consolador pensar que após nossa morte, a Igreja estará por nós em orações, que ela convidará todos os seus fiéis a pedir a Deus nossa libertação, que ela não cessará de rezar e de chorar sobre nosso túmulo, senão quando nos tiver introduzido no seio da Igreja triunfante! Ó Igreja católica, como sois boa mãe! Como

conheceis a fraqueza de vossos filhos! E como é doce dizer com o poeta:

A esperança de que amigos chorarão nossa sorte Encanta o instante supremo e consola a morte!

Exemplo

Judas Macabeu, esse homem de fé e de coração, a quem o Senhor havia confiado o cuidado de defender Israel e sua lei, Jerusalém e seu templo, acabava de obter uma grande vitória e de pôr em fuga os inimigos de seu Deus e de sua pátria. O primeiro movimento desse guerreiro, não menos piedoso que corajoso, foi dobrar os joelhos para render graças ao Deus dos exércitos. Depois, levantando-se com os seus, ele viu ao seu redor os corpos de seus companheiros de armas que haviam morrido; e então, imbuído de um santo respeito pelos restos inanimados desses bravos guerreiros, Judas os recolheu com cuidado para depositá-los no sepulcro de seus pais. E enfim, pensando nas almas desses mártires da religião e da pátria, ele mandou fazer uma coleta e enviou a Jerusalém doze mil dracmas de prata, a fim de obter um sacrifício pelos pecados dos mortos. Pois ele pensava com sabedoria e piedade na ressurreição, considerando que aqueles que haviam adormecido na religião tinham reservado uma recompensa preciosa.

Eis o que se passava, há dois mil anos, em um campo de batalha da Palestina; e, confirmando todas essas coisas tão graves quanto tocantes, o Espírito de Deus repetia pela boca do historiador sagrado: *É, portanto, um pensamento santo e salutar rezar pelos mortos a fim de que sejam libertados de seus pecados.* Assim, Judas Macabeu acreditava no Purgatório e o Espírito Santo louva e confirma essa crença. Infelizmente, onde estão nos dias de hoje os generais do exército capazes de imitar essa piedosa conduta?

Oremos. Filho submisso de vossa Igreja, eu creio firmemente, ó meu Deus, na existência do Purgatório. Eu creio porque vosso Espírito de verdade o revelou, porque vossos Santos e vossos Doutores o ensinam. Aumentai minha fé a fim de dilatar minha caridade para com as Almas cativas. Ó Jesus, lhes sejais propício! Senhor, chamaí vossos filhos, nossos irmãos, ao repouso eterno. Que a luz que nunca se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Quarto dia

Existência do Purgatório II

Testemunho de nossa razão

Em concordância com a fé, a razão também proclama a existência do Purgatório: sua voz nos fala assim como a Igreja e as Escrituras. Ela nos diz em primeiro lugar que, sendo Deus perfeitamente santo, nada de impuro pode entrar em seu reino. Que existe uma repulsa eterna e insuperável entre o menor dos males e o Bem supremo. E que uma alma, ainda que possua uma pequena mancha, é indigna de se unir a Deus até que tenha sido purificada. Do contrário, ela introduziria o pecado no Céu. *Senhor, dizia o salmista, quem há de morar em vosso tabernáculo? Quem habitará em vossa montanha santa? O que vive na inocência e pratica a justiça.*

A razão nos diz ainda que, sendo Deus infinitamente justo, exige reparação. Que ele não pode deixar sem punição o mais leve dos pecados, assim como não pode deixar sem recompensa o menor ato de virtude. Portanto, aquele que não fizer reparação por suas faltas neste mundo, as repararão infalivelmente no próximo. As satisfações que não tivermos dado à Justiça divina nesta vida, a justiça de Deus tomará para si após a nossa morte. E onde isso se dará? No Purgatório.

Alma cristã, vamos provar nossa fé no dogma do Purgatório através de uma terna caridade pelas almas que ali se encontram e que estão sujeitas a rigorosas purificações; e fugindo das faltas "leves" que podem nos levar a esse lugar. *Que aquele que é justo seja ainda mais justo, e que o santo se torne ainda mais santo.*

Testemunho do nosso coração

Não há dogma católico que não tenha suas raízes nas profundezas do coração humano, dizia Joseph de Maistre. É por isso que somos naturalmente inclinados a abraçar certas verdades reveladas. Assim também acontece com o Purgatório. Os próprios ímpios que renegaram toda crença, todo sentimento religioso, confessam com sinceridade que não podem, nessas graves circunstâncias, evitar as orações secretas que lhes escapam do coração, pelas pessoas às quais ternos laços os uniram estreitamente. Prova evidente de que este é um sentimento impresso no coração do homem pelas mãos de Deus. Assim observamos em todos os países e entre todos os povos do mundo. O que pode haver de mais suave ao coração que esta crença e este culto piedoso, que nos ligam à memória e aos sofrimentos dos mortos? Sim, precisamos crer que existe além das margens do tempo um lugar de expiação, que não é o inferno, mas o caminho do Céu.

Precisamos crer que nossos pais e amigos, prisioneiros da justiça divina, são aliviados por nossas orações e nossas boas obras, que eles nos veem e que nos ouvem. Precisamos crer que nós mesmos, um dia, seremos aliviados quando chegar a nossa vez. Que pensamento doce e consolador! Oh! Como são dignos de pena os protestantes, nossos irmãos desgarrados! Eles não têm a religião do coração.

Ó divina religião católica, exclama um sábio Prelado, *verdadeira religião do coração, como amo ver-te assim afastando com tua mão materna o sombrio véu de nossos lutos, trazendo um encanto aos nossos pesares e lançando flores sobre o caminho de nossos funerais.*

Exemplo

Um jovem escocês luterano tinha um único irmão que amava muito. Infelizmente, uma derrame fulminante o levou subitamente no meio de uma festa mundana, onde ninguém esperava tão fúnebre catástrofe. A partir desse momento, este infeliz foi presa de uma melancolia profunda e contínua. Pensava constantemente na passagem tão brusca de um divertimento para o temível julgamento de Deus. Temia que seu irmão não fosse encontrado puro o bastante para entrar imediatamente no Céu, e em sua religião protestante, não encontrava lugar intermediário entre os átrios celestes e as profundezas do abismo. Para se distrair, ordenaram-lhe que viajasse, e ele foi à França. Ali encontrou um sacerdote e lhe comunicou sua pesada aflição. *Meu amigo*, disse-lhe o homem de Deus, *só encontrarás consolação e esperança na religião católica, que é tão admiravelmente adaptada às necessidades da alma e do coração; que nos diz que há entre o Céu e o inferno um lugar intermediário, onde as almas acabam de se purificar, e onde podemos socorrê-las com nossas orações. Vós protestantes, não tendes nem o culto nem as alegrias da família, porque não tendes fé no Purgatório. Creiais-me, fazei-vos católico, então podereis orar por vosso irmão que tanto amais, conversareis com ele, pedireis para ele cada dia a felicidade do Céu. Então respirareis, vivereis, sereis aliviado do peso que vos oprime.* Ele seguiu este piedoso conselho, negou a heresia, entrou no seio da Igreja, e tornou-se um católico sincero. Era frequentemente visto derramando sua alma sobre o túmulo de seu irmão. É verdade que a crença no Purgatório é uma necessidade do coração humano!

Oremos. Sim, meu Deus, meu coração tem necessidade de crer que a morte não interrompeu os laços com aqueles de quem ela me separou, que minhas orações e minhas lágrimas podem pleitear suas causas junto à vossa bondade e apressar o instante de sua felicidade. Sede bendito por este artigo de nossa fé que nos traz tão doces consolações! Ó Jesus, sede propício a nossos irmãos na morada eterna. Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Quinto dia

Sofrimentos do Purgatório, a pena do fogo

Fogo verdadeiro

O grande apóstolo nos diz que há almas que não serão admitidas na morada gloriosa senão após serem purificadas pelo fogo, *quasi ignem*. Evidentemente, não é o fogo do inferno, que não se extinguirá jamais; é portanto aquele que fará sentir seus rigores no Purgatório. Tal é a afirmação unânime de todos os grandes doutores da Igreja. Se perguntarmos a Santo Ambrósio, a Santo Agostinho, a Santo Tomás, o que sofrem as almas do Purgatório, eles nos responderão: *O suplício do fogo!* E nós mesmos, se neste momento nos debruçássemos sobre a borda do abismo para escutar os gemidos daqueles que amamos, ouviríamos vozes que se lamentam do fundo do Purgatório e que gritam para nós, como gritava o rico do fundo do inferno: "sou atormentado por esta chama", *crucior in hâc flammâ*.

Fogo! Alma cristã, essa única palavra faz tremer. Estar inteiramente no fogo, num fogo ativo, penetrante, que atinge o próprio íntimo do ser, que suplício cruel! O fogo material age apenas sobre o corpo, e quão horríveis são seus efeitos! Quem poderia suportar um

carvão ardente sobre sua mão, um só minuto? Mas o fogo do Purgatório age sobre a própria alma; ele atinge a inteligência, a memória, a sensibilidade; todas as faculdades são por ele tomadas e penetradas: *anima tota punitur*. Diante deste suplício que mal podemos imaginar, e que tão frequentemente merecemos por nossas faltas cotidianas, dirijamo-nos esta pergunta. Quem dentre nós poderia habitar neste fogo devorador?

Meu Deus! Preservai-nos do fogo do Purgatório e livrai as almas que nele estão submersas! Extingui pelo orvalho divino do vosso amor as chamas que as devoram!

Fogo vingador

Para tentar compreender o poder do fogo do Purgatório, é preciso entender que é o sopro da justiça de Deus que o acende e o mantém; que ele não age como elemento, mas como instrumento do poder divino; que ele tortura suas vítimas por uma força que ele não tem em si mesmo, mas que lhe é conferida pela cólera do Senhor, a fim de punir essas Almas sem lhes dar a morte, de as purificar sem as destruir. O fogo deste mundo é um dom da Providência; o do Purgatório é uma criação de sua justiça, de seu furor, de sua vingança. Não, diz santo Tomás, as fornalhas mais ardentes, as labaredas mais ferozes às quais se condenavam os mártires, não são senão uma sombra fresca, em comparação com as chamas devoradoras que se sofre no Purgatório. Este fogo, acrescenta um santo Padre, é igual em tudo ao do inferno, menos na duração. Que terrível suplício! Que martírio espantoso é o destas pobres vítimas!

Lembre-se, alma cristã, de que as penas desta vida, quaisquer que sejam, não podem ser comparadas com as do Purgatório. Quem seria, pois, tão desumano de não escutar os gritos dilacerantes destes entes desafortunados que, do fundo de sua prisão onde queimam noite e dia, imploram nossa assistência? Ó, se estivésseis em seu lugar, e se todo o mundo tivesse por vós tão pouca caridade quanto vós tendes

por eles, como qualificaríeis semelhante crueldade? Refleti seriamente e então fiz bons propósitos!

Exemplo

Há alguns anos apenas, numa de nossas cidades, o fogo tomou subitamente o andar térreo de uma casa. Era noite. Nos andares superiores, várias pessoas estavam adormecidas. Seu sono era tão profundo, que só foram despertadas quando o fogo já havia feito muito estrago. Ele havia subido e alcançado o cômodo vizinho daquele onde se encontravam. Elas levantaram-se sobressaltadas, queriam fugir; o fogo as deteve. Elas corriam, procuravam por toda parte uma saída, mas em toda parte algum obstáculo se opunha à sua fuga. Durante esta confusão, o incêndio fez novos progressos. Corriam em todas as direções, soltavam gritos de desespero, chamavam por socorro: *Salvai-nos! Salvai-nos!* Mas era impossível chegar até elas. Num momento o fogo as alcança, a chama as circunda, o assoalho desmorona sob seus pés, elas desaparecem sob um turbilhão, e num instante, são consumidas. Foi seguramente um espetáculo horrível e uma terrível desgraça.

Mas há algo de mais lúgubre e mais tocante. São as almas de nossos amigos, de nossos parentes, de nossos irmãos, que são devoradas pelo fogo, e que fogo! O próprio fogo da cólera de Deus. Mas podemos salvá-las por nossas petições e pelo sangue de Jesus Cristo. Piedade! Libertai-as, ó meu Deus! Ó meu Jesus, misericórdia!

Oremos. Ai de mim! Ó meu Deus! Como temo vossa justiça, quando me recordo de minha vida sensual, de meus inumeráveis pecados, e do pouco que fiz por vós! Tende piedade de mim, Senhor! Tende também piedade das almas de meus irmãos que me precederam na eternidade, e que estão agora sob o império de vossa justiça. Ó Jesus, sede-lhes propício! Retirai vossos filhos e nossos irmãos destas chamas vingadoras e colocai-os junto de vós, na morada da glória! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Sexto dia

A pena da privação

Privação de Deus

O principal sofrimento do Purgatório não é o do fogo, por mais terrível que seja. Uma dor maior se faz sentir nas almas por estarem elas ainda longe de Deus. Neste mundo, nós não compreendemos a intensidade do suplício da privação de Deus, porque nós não O vemos diretamente, nós não O amamos de todo o coração, nós não pensamos frequentemente nEle. Mas as almas do Purgatório já vislumbraram a Deus no dia do julgamento. *Um grande espetáculo, segundo a expressão de Santo Ambrósio, se deu diante de seus olhos. Deus se revelou a elas com todas as suas perfeições adoráveis.* Ele imprimiu de maneira tão viva a sua imagem em seus espíritos, Ele impressionou-as de tal forma com o esplendor de sua majestade infinita, que elas pensam continuamente nEle e O amam com um amor puro. Este amor insaciável, esta privação, esta fome, esta sede de Deus as oprimem e as torturam. Elas estão continuamente morrendo sem morrer, expirando sem expirar, e a Igreja chama com razão este estado de morte: "Senhor", diz ela, "livrai-as da morte", *libera eas a morte.*

Para vos fazer uma ideia deste suplício, alma cristã, imagine um

homem que morre por falta de ar. Vede que agonia, que esforços não faz para respirar; como seu peito se ergue, se infla! É uma luta terrível entre a vida e a morte. Mas o que é um pouco de ar em comparação com Deus que é o ar e a respiração da alma? Que fome viva! Que dolorosa agonia! Ó Senhor, livrai-as desta morte contínua, mostrai-lhes a Vossa face adorável, *libera eas a morte*. Ó Pai que estais nos Céus, atraí para Vós os vossos filhos exilados!

Privação do Céu

Sim, a alma no Purgatório está no exílio. Não somente de sua pátria na terra, mas de sua pátria verdadeira, o Céu. Esta pátria bem aventurada, cujos esplendores ela vislumbrou de longe quando, ao sair deste vale de lágrimas, apareceu diante de Jesus Cristo que faz a alegria e a felicidade dos eleitos. Ela a pressentiu quando, condenada ao Purgatório, recordou-se deste convite dirigido às almas justas: "Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo". Ela percebeu, ela entreviu todas as suas magnificências. Ora, não poder lançar-se para esta pátria tão desejada; esperar um dia, anos, séculos, antes de alçar voo para o Céu, antes de mergulhar na torrente de suas felicidades, meu Deus, que exílio! Que espera cruel!

Assim, quão dignos de compaixão são os suspiros desta alma desafortunada! – *Pobre exilada, quando verei minha pátria, minha família que está nos Céus? Jerusalém! Jerusalém! Pobre órfã, quando serei reunida a meus pais, a meus irmãos, a minhas irmãs que estão na glória e me estendem as mãos! Pobre viúva, quando me será dado unir-me a Jesus, meu celeste esposo? Ó portas eternas, abri-vos, abri-vos! Ai de mim!* – Mas uma voz misteriosa lhe responde: *Ainda não!... mais tarde...*

Alma cristã, vós podeis lhe abrir estas portas. Não sabeis que a oração, a esmola, são as chaves de ouro que abrem o Céu? Ó, rezai, rezai frequentemente e obtereis muito! E estas almas do Purgatório

subirão à pátria bem-aventurada, para lá cantarem eternamente as misericórdias do Senhor.

Exemplo

Quando os filhos de Israel, levados cativos para longe da pátria, não viam mais nada além das margens do Eufrates, sentavam-se tristes sobre esta terra estrangeira, e choravam ao recordarem-se de Jerusalém. *Illic sedimus et flevimus, dum recordaremur Sion*. Não havia mais entre eles palavras de alegria, nem cânticos de júbilo! Suas harpas, suspensas nos salgueiros da margem, estavam silenciosas. – Filhos de Israel, por que chorais? Perguntavam-lhes os Babilônios. – É que nos lembramos de Sião, nossa pátria! nós nos lembramos e lamentamos! – Mas, filhos exilados de Sião, se cantásseis para acalmar vossa dor e distrair vossa tristeza... Cantai! Cantai alguns dos cânticos da pátria! Cantai o hino nacional! – Cantar! Pode o exilado cantar os hinos da pátria nas margens estrangeiras? Ah! longe da pátria, recorda-se, lamenta-se, suspira-se, chora-se, e espera-se, nas lágrimas, a consolação do retorno. Ó Jerusalém! Jerusalém! que nossa língua se apegue ao nosso palato, se devêssemos esquecer-te um dia!

Ah, sem dúvida, quando as almas de nossos irmãos, retidas pela justiça divina longe da pátria a que seu amor as chama, chegam pela primeira vez à beira do abismo onde foram condenadas a um doloroso exílio, elas ficam nestas margens mil vezes mais desoladas que as da terra. Ali, todas elas não pensam senão na pátria celeste, e põem-se a chorar o seu desterro, mas com suspiros e com lágrimas que diferem dos nossos suspiros e de nossas lágrimas, como o Céu difere da terra, e o tempo da eternidade!

Oremos. Ó meu Deus! Deus tão santo, tão justo, mas tão rico em misericórdia! Deixai-vos atingir pelo amor destas santas almas. Não Vos oculteis por mais tempo de seu ardente desejo, não as afastais. Abri-lhes o vosso seio e deixai que entrem e que mergulhem em Vós. Ó Jesus, sede-lhes propício! Ó Jesus, chamai vossos filhos e nossos

irmãos à felicidade eterna. Que a luz que nunca se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Sétimo dia

A pena do remorso

O mal que era preciso evitar

Os tormentos de que acabamos de falar não são, infelizmente, os únicos que torturam as Almas retidas no lugar de expiação. Elas provam ainda a tristeza, a desolação, os arrependimentos amargos, as censuras pungentes da consciência culpada, mil vezes mais insuportáveis para elas do que as dores do fogo material que as faz sofrer sem as consumir. *No inferno*, diz o Evangelho, *o verme que rôi os réprobos jamais morre*. No reino do Purgatório, ele morrerá certamente um dia, mas enquanto ele vive, ele morde cruelmente e rasga de maneira pavorosa as vítimas desafortunadas de quem ele se tornou o carrasco. É horrível a luta de de uma alma que carrega o remorso. Do fundo de sua masmorra, essa alma cativa lança um olhar doloroso sobre toda a sua existência aqui na terra, e à luz das chamas que a envolvem, ela vê distintamente todo o mal que ela cometeu e que poderia ter facilmente evitado com a graça de Deus. Ela descobre milhares de faltas que passaram despercebidas até então, ou que ela julgava sem importância. Forçada a reconhecer-se culpada, quando só dependia dela ser justa em todas as coisas, esta pobre alma aflige-se profundamente e exclama no delírio de sua dor. *Meu*

Deus, vós sois justo, e vossos julgamentos são equânimes. Sou o único autor de meus sofrimentos. Ah! Se eu pudesse recomeçar minha vida, como eu Vos serviria, Senhor, e com que cuidado evitaria o Purgatório! Arrependimentos vão e inúteis. Infelizmente, é tarde demais.

Aprendamos, caro leitor, fuja do pecado, façamos penitência enquanto vivos, afim repararmos as ofensas feitas a Deus e evitar esse verme que corrói as almas do Purgatório. Meu Deus! Batei, queimai e moei neste mundo, afim de nos poupar no próximo.

O bem que era preciso praticar

O que aumenta ainda mais a pena desta alma exilada, é a visão de todo o bem que ela poderia ter praticado e que frequentemente não fez. De todos os benefícios que ela recebeu de Deus dos quais ela não fez bom uso. Com efeito, o que mais poderia ter feito o Senhor para fazê-la produzir frutos de salvação? Ele a fez nascer no seio da verdadeira fé, Ele nutriu-a com os sacramentos, fortificou-a com sua graça, encorajou-a com o exemplo dos bons. Cercada de tanta ajuda, ela devia percorrer a passos de gigante o caminho da santidade e chegar, como tantos outros, à mais alta perfeição. Mas, apesar de tudo, ela parou frequentemente no caminho, e frequentemente andou com lentidão. Ah! Se ela tivesse sido generosa para se infligir algumas leves penitências, algumas mortificações fáceis; mesmo se ela tivesse aceitado com resignação as penas inevitáveis da vida, ela teria cumprido seu Purgatório na terra, e eternamente gozaria da visão beatífica. E agora, ela suporta por culpa própria e sem mérito, penas incomparavelmente maiores. No lugar da coroa de glória que ela poderia ter no Céu, é torturada por uma coroa de chamas no Purgatório. Como são angustiantes essas lembranças! Como são doloridas as ferroadas do remorso!

Alma cristã, olhemos para dentro de nós mesmos. Não temos nós também remorsos de consciência, pesares bem amargos? É o arrependimento de termos cometido muito mal e feito pouco bem.

É o remorso de ter rezado tão pouco pelo alívio de nossos entes queridos que faleceram. Tomemos a resolução de fazer melhor no futuro, com a graça de Deus e a ajuda de Maria.

Exemplo

Gerson, chanceler da Universidade de Paris, tão distinto por suas virtudes e por sua eloquência, nos conta em seus trabalhos que uma pobre mãe, esquecida há muito tempo por seu filho, recebeu de Deus a permissão de lhe aparecer para lhe contar suas penas e lhe pedir orações. *Meu filho*, exclama ela, *meu querido filho! Pensa um pouco na sua pobre mãe que sofre tanto. Considera os horríveis suplícios no meio dos quais a justiça de Deus me faz expiar as faltas de minha vida mortal. O mais insuportável de todos é o remorso, o arrependimento de ter amado tão pouco a Deus que me cumulou de tantas graças. Haver ofendido um Deus tão grande, tão santo, um juiz tão iluminado, um pai tão amoroso, um benfeitor tão generoso! Ah! Esse pensamento me oprime e me mata a cada instante. Este verme roedor é como um punhal afiado que me trespassa sem me matar, que me tortura dia e noite e me arranca lágrimas de sangue. Contudo, sou forçada a exclamar, batendo sem cessar no peito: Meu Deus, vós sois justo e equitativo; se sofro cruelmente, é por minha culpa, é por minha máxima culpa! Ó meu filho, se ainda me ama, tem piedade de mim, arranca este punhal, livra-me deste verme roedor, abra-me o céu. Peço-lhe ainda, meu caro filho, que sirva a Deus melhor que sua mãe, que morra com lágrimas nos olhos e contrição no coração!*

Fiel a estes avisos, a criança orou muito por sua mãe e morreu ela mesma como predestinada.

Oremos. Dai-me a graça, ó meu Deus, de me tornar santo e perfeito, como Vós o desejais. As almas do Purgatório, por terem sido um pouco negligentes, são severamente punidas pelos pesares que as dilaceram sem descanso. Apagai seus remorsos, ó Senhor, perdoadando-lhes suas faltas, pois é demasiado agudo a espada que as

trespassa. Ó Jesus, sede-lhes propício! Chamai vossos filhos e nossos irmãos ao seio da glória! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Oitavo dia

Duração das penas do Purgatório

Qual é a duração?

A Igreja não definiu nada com relação à duração das penas do Purgatório, mas ela nos mostra o suficiente sobre o que pensa, ao autorizar as celebrações anuais, em memória dos falecidos, pelo repouso de sua alma. Ela crê portanto que a expiação deve ser longa e pode mesmo se prolongar por séculos. É assim também o sentimento dos Santos Padres. Mais de vinte anos após a morte de sua mãe Mônica, Agostinho pediu ainda orações por ela. Santo Ambrósio rezou publicamente, durante toda a vida, pela alma de Teodósio o Grande. E o cardeal Belarmino diz que, para certas almas, a duração das penas do Purgatório, segundo revelações muito dignas de fé, poderia se prolongar até o dia do juízo final se a Igreja não viesse em seu socorro. Existem almas infelizes que ali padecem há longos anos!

Quem nos dirá a medida do tempo e do sofrimento para expiar um pecado venial? E para remover a ferrugem que deixam na alma os pecados mortais e lhe dar o brilho da beleza dos anjos? Ó insondável

mistério dos julgamentos de Deus!

Como a duração aumenta o rigor das penas! Sofrer horivelmente e por muito tempo! Espera! Espera mais! Espera indefinidamente! Que dor, que martírio para essas almas benditas! Consideremos como a intensidade dos males que elas suportam fazem instantes parecerem meses, e meses parecerem séculos. Ó torturas incompreensíveis! Ó horas! Ó séculos cruéis! Senhor, abreviai esses sofrimentos, limitai a intensidade e a duração das dores dos nossos amigos, de nossos irmãos, e sobretudo daqueles que devem ficar o tempo máximo neste lugar de expiação.

Quais são as causas?

Não nos espantemos da terrível duração dos suplícios do purgatório. Uma das mais santas religiosas da Visitação, a irmã Maria-Denise, que todos os historiadores dessa ordem reconhecem como tendo sido favorecida com graças extraordinárias para o sufrágio dos mortos, dizia que varias causas tornavam inevitável a longa duração das penas desse lugar de expiação. Primeiramente, a inconcebível pureza que a alma deve ter antes de possuir a Deus. Em segundo lugar, a inumerável quantidade de nossos pecados veniais. Em terceiro lugar, O quão pouca penitência fazemos por nossos pecados mortais confessados. Em quarto lugar, a impossibilidade absoluta das almas dos defuntos de aliviarem-se a si mesmas. Finalmente, o esquecimento, o estranho esquecimento dos mortos, nossa culpável negligência em os aliviar. Essas considerações são sérias e, infelizmente, muito bem fundamentadas.

Portanto, de agora em diante, não sejamos tão precipitados em canonizar os mortos. Nós sentimos tanta necessidade de crer que que estão num lugar de paz e de beatitudes, que nos apressamos em dizer a nós mesmos que já chegaram ao Céu. Então paramos de rezar e de suplicar a Deus por eles. Notemos os santos, como pensam e agem de maneira bem diferente. Durante a vida toda, eles rezavam

por queles que a morte havia arrebatado, e ao morrer, pediam ainda com lágrimas por eles. Façamos o mesmo. Não seríamos capazes de segurar um dedo no fogo por um minuto sem gritarmos de dor, mas suportaríamos que as almas a quem tanto amamos fiquem imersas no fogo devorador do Purgatório anos inteiros por nossa negligência? Ah, isso seria cruel demais! Ó almas queridas, não, jamais nos esqueceremos de vós!

Exemplo

Escutemos uma pequena história que diz mais que um longo discurso.

Um homem, durante anos, ficou trancado em uma prisão conhecida. Um dia, cansado de sofrer, ele concebeu uma ideia para escapar. Uma mulher era bastante poderosa naquele tempo; ela tinha muita influência e conhecia quem poderia abrir as grades do prisioneiro e pôr fim a seus sofrimentos. Eis, diz a história, em que termos eloquentes o infeliz lhe dirigiu sua súplica: *Senhora, a 25 deste mês de março de 1760, haverá cem mil horas que sofro, e me restarão ainda duzentas mil horas a sofrer. Ó Senhora, sede tocada por tão longo e tão doloroso martírio!* Achou-se o coração desta mulher duro o bastante para resistir a esta eloquência? Não importa. Mas parece-me que não se pode colocar mais em tão poucas palavras. Ele havia pois contado as horas! Sim, como poderíamos contar um a um os batimentos de um relógio durante uma noite longa e triste, onde o sofrimento nos mantém em vigília!

É assim que as benditas almas do Purgatório calculam a duração de seus sofrimentos. Mas não em horas, e nem em dias, e sim em anos, e esses séculos lhes parecem eternos. Ó justiça de meu Deus, como sois tremenda! Ó almas tão severamente punidas, como tenho pena de vós!

Oremos. Cheio de temor pelo pensamento de Vossos temíveis julgamentos, da intensidade e do comprimento da pena que a Vossa justiça impõe às pobres almas do Purgatório, eu caio a Vossos pés,

ó meu Deus! Cheio de compaixão por essas prisioneiras infelizes, eu Vos suplico, em nome de Jesus Cristo, a lançar sobre elas um olhar de misericórdia e a colocar um fim em seu martírio. Ó Maria, doce consoladora do aflitos, sede-lhes benigna! Livrai vossos filhos do cativeiro! Que descansem em paz junto de vós no Céu!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Nono dia

Impotência das almas do Purgatório

Impotência dos seus sofrimentos

Consideremos que com a morte cessa todo o mérito porque, fora da arena de combates, a alma não tem mais sua livre escolha entre o bem e o mal. O Purgatório é aquela noite de que fala Jesus Cristo, *quando ninguém pode trabalhar*. É por isso que nossos queridos entes falecidos não podem nada para suavizar seus sofrimentos. A resignação perfeita, seu terno amor a Deus, a enormidade de seus sofrimentos não abreviarão sequer um instante da pena. A menor das dores do Purgatório, se fosse suportada na terra, seria capaz de adquirir um peso imenso de glória celeste. Mas naquele lugar terrível de expiações, elas são estéreis para aqueles que ali se encontram e em nada aumentam sua glória no Céu. São simplesmente o pagamento de uma dívida. Que terrível! Sofrer cruelmente, talvez sofrer por séculos, sofrer sem nenhum proveito. Como esse pensamento é desolador para essas almas queridas, e como isso aumenta seus tormentos! Assim, é de nós que essas almas esperam socorro e alívio.

Sim, alma cristã, somente nós podemos ajudá-las, somente nós

podemos providenciar sua liberdade. O Céu as consola, nós as aliviamos. Os santos abrem-lhe os braços para os receber, nós as introduzimos na morada de bem-aventurança. Tal é o nosso poder, e tal é o nosso dever. Pensamos nisso frequentemente?

Impotência de suas orações

As almas do Purgatório são impotentes para aliviarem-se tanto por suas preces quanto por seus sofrimentos. É em vão que, do fundo do abismo incandescente, elas fazem subir até Deus seu grito de dor. É em vão que elas tentam mover Sua justiça e que dizem como Davi: *Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonastes? Eu clamo por vós durante o dia, e não me atendeis. À noite eu solto gemidos e ninguém me responde. Lembrai-Vos, Senhor, das Vossas misericórdias. Quebrai as correntes que me seguram longe de Vós, livrai-me dos tormentos que suporto. Ai de mim! Como meu exílio é terrível! Misericórdia, Senhor, misericórdia!*

Insensível aos apelos de sua angústia, Deus responde: O tempo da misericórdia terminou, o tempo da justiça começou. Vossas repetidas súplicas não têm nenhuma eficácia; não saireis de vossa prisão até que vossa dívida tenha sido inteiramente quitada pelo sofrimento. Mas se as orações dos mortos não têm nenhum crédito, as nossas são todo-poderosas sobre o coração de Deus. À medida que sobem ao Céu, a misericórdia desce ao Purgatório, em torrentes de graças, de perdão, de liberdade e de glória. Foi pela oração que Marta e Maria obtiveram a ressurreição de Lázaro, é também por ela que obteremos a libertação de nossos parentes defuntos. Oh! Oremos de todo o coração, oremos sem cessar por eles. Digamos frequentemente: bom e misericordioso Jesus, dai-lhes o repouso eterno. Ó Maria, mãe e consoladora dos aflitos, apressai-vos a socorrê-los! Santos e Santas do Paraíso, intercedei por eles!

Exemplo

O Salvador, atravessando a Judeia, encontra um dia um homem que era paralítico, e que esperava tristemente sentado perto da piscina de Siloé. O anjo, certos dias, descia na piscina, e mexia na água, e o primeiro doente que entrasse em seguida e se lavasse, ficava curado. Havia muito tempo que o pobre paralítico do Evangelho estava lá, esperando sempre, sem jamais conseguir entrar na piscina a tempo. Tocado de compaixão, o doce Salvador se aproximou dele e lhe perguntou com bondade por que ele não se lava como os outros. *Senhor, respondeu o infeliz, é que eu sou aleijado de todos os meus membros, e incapaz de todo movimento, e eu não tenho ninguém pra me jogar primeiro na piscina. Minha cura tão desejada não depende de mim, pois estou paralisado por completo. Preciso de um amigo generoso, que me preste ajuda e me dê a mão!* Pobre paralítico! Como era digno de compaixão!

Tal é a triste sorte das almas do Purgatório. Elas permanecem imóveis nas chamas vingadoras, incapazes de socorrerem-se a si mesmas, incapazes de pularem na piscina salvadora do Sangue precioso de Jesus que salvou o mundo. Elas lá esperam, como o paralítico, um bom amigo. Sejamos, alma cristã, esse amigo caridoso. Sim, sejamos o anjo libertador dos pobres paralíticos do Purgatório.

Oremos. Ó meu Deus! Vos imploro por estas pobres almas, envoltas hoje nas sombras de uma noite terrível. Infelizes! Elas não podem fazer mais nada, Vós não Vos deixais mais mover por suas preces e por suas lágrimas, mas Vós me permitis ser o seu mediador, e de me colocar entre elas e a Vossa justiça. Eu Vos suplico, suspendei suas penas e encerrai seu doloroso exílio. Ó Jesus, sede-lhes propício! Chamai para Vós os Vossos filhos e nosso irmãos! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo dia

Os dois caminhos que conduzem ao Purgatório

O caminho dos pecados mortais

Pela sua natureza, o pecado mortal conduz mais longe que o Purgatório: ele precipita a alma no abismo do inferno. Mas o pobre pecador se confessa, e o perdão do Senhor desce sobre ele pela graça sacramental. O que acontece, então? A falta grave está perdoada, a amizade de Deus reestabelecida, e a pena eterna é comutada em pena temporal que é necessária ser expiada, ou neste mundo, pela penitência, ou no outro, pelos sofrimentos do Purgatório. E agora, se acontecer que um grande pecador receba, com as disposições necessárias, a absolvição, não de um pecado mortal, mas de vários, de dez, de cem, após longos anos de desvio, que terrível, que longo Purgatório o espera! Que enorme dívida ele deverá pagar à justiça divina! É verdade que a penitência sacramental reduz nossa dívida, mas essa penitência é geralmente tão leve, e feita com tão pouco fervor! É verdade também que as mortificações e as indulgências podem nos preservar ou nos livrar do Purgatório. Mas infelizmente, há tão poucos cristãos que se mortificam e que jejuam! Aqueles que

são os mais culpados são precisamente aqueles que fazem menos penitências. Enfim, quantos têm a contrição necessária para ganhar as indulgências? Ó Deus! Como há tão pouca gente que evita esse terrível abismo! Tantos pecados e tão pouca reparação!

Se nossa vida passada foi manchada por faltas graves, andamos por este primeiro caminho que conduz ao Purgatório. Estas considerações, alma cristã, são propícias a nos fazer refletir, e a nos fazer verter lágrimas de penitência. *Ó Senhor, meu Deus, infundi em meu espírito um temor salutar, ao pensamento antecipado de Vossos temíveis julgamentos!* São próprias também para nos colocar de joelho, em orações e súplicas, pelas almas mais culpadas desse lugar de expiação.

O caminho dos pecados veniais

Mas eu quero crer, almas cristãs, que sejais inocentes, que tenhais conservado a pureza do vosso batismo, como São Luís; quantas faltas veniais não tendes a reprovar-vos que vos constituem devedores perante Deus? Na verdade, essas faltas são inumeráveis. Vossa vida talvez não seja senão um tecido de pecados veniais. Quantos pensamentos inúteis! Quantas palavras ociosas! Quantos julgamentos temerários! Quantas distrações! Quantas maledicências! Quanta vaidade! Tempo perdido inutilmente! Não ofendeis a Deus muito frequentemente, todos os dias, sob o fútil pretexto de que vossas faltas são apenas leves? Não vos tornais frequentemente culpados de certas faltas veniais que se poderia chamar graves, porque se avizinham do pecado mortal? E quando é que fazeis penitência? Ora, se vossa vida está cheia de dívidas e vazia de satisfações, é bem evidente que estais na segunda via que conduz diretamente ao Purgatório. Infelizmente, quantos dias, quantos meses, quantos anos, não tereis de gemer neste terrível lugar de expiação? Meu Deus! Como vosso Purgatório será longo e rigoroso!

Alma cristã, reflitamos seriamente e digamos a nós mesmos: *Quero*

enfim acertar minhas contas com Deus, quero aproveitar o tempo que me concede sua misericórdia para satisfazer à sua justiça; quero quitar as dívidas que me é tão fácil saldar com um pouco de generosidade e de amor. Eu posso, eu devo, eu o farei! Almas caridosas do Purgatório, vinde em meu auxílio. Pedi por mim o espírito de penitência, eu pedirei por vós alívio e consolação.

Exemplo

Nada expõe a malícia do pecado venial como o que contam um grande número de almas, em aparições autênticas, sobre o rigor com que Deus lhes faz expiar estas faltas que, segundo nossa maneira de ver, são muito leves. Algumas foram condenadas ao Purgatório por terem falado na Igreja sem necessidade, como relata Cesário, de uma menina de sete anos. Outras, como a irmã de são Pedro Damiano, por terem escutado com prazer uma canção profana. Catarina, nobre donzela romana, veio a morrer. Santa Mônica tinha uma tão boa opinião desta virgem, que recomendava frequentemente às suas orações seu filho Agostinho. E apesar disso, a alma da defunta apareceu, cheia de tristeza, ao santo bispo Martinho, e lhe disse: *Eu queimo nestas chamas expiatórias por ter lavado duas ou três vezes o rosto por vaidade!* São Severino passou alguns anos no Purgatório, por causa de certas negligências no ofício divino. Um menino de nove anos foi também condenado por não ter pago ou devolvido algumas bagatelas que tinha tomado. Um pai de família permaneceu quinhentos anos neste fogo, por ter negligenciado a educação de seus filhos. Quantos outros tiveram a mesma sorte! Compreendamos, portanto, à luz do fogo terrível do Purgatório, que grande mal é cometer um pecado venial! Infelizmente, longe de chorar, nós o cometemos sem escrúpulo, por maneira de jogo e divertimento. Felizes as almas que poderão dizer na morte, como são Paulo: *Trago em mim os estigmas do Senhor Jesus!*

Oremos. Quantas faltas, ó meu Deus, eu cometo sem remorso, como se fossem sem importância! Se eu pensasse na conta que deverei

dar um dia à Vossa justiça, como eu seria mais vigilante. Dignai-vos sustentar-me em minha fraqueza e reanimar minha coragem que vacila. Dignai-vos também olhar com misericórdia a meus irmãos da Igreja padecente. Ó Jesus, sede-lhes propício e abri-lhes a porta da Igreja triunfante. Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo primeiro dia

Santidade das almas do Purgatório

Elas amam a Deus

Toda alma, diz Santa Catarina de Gênova, pelo simples fato de estar no Purgatório, se encontra elevada a um estado de perfeição e de união divina que poderia servir de modelo aos mais grandes santos aqui na terra. Há ali, com efeito, uma multidão imensa de almas predestinadas que venceram suas paixões, o mundo e o demônio, que praticaram virtudes as mais heróicas e que saíram do exílio carregadas de méritos. Elas brilhariam como as estrelas no firmamento do Céu, se suas vestes não tivessem sido manchadas por alguns grãos de poeira da terra. Sim, estas são as almas belas, santas, impecáveis, mortas para toda imperfeição. A menos preciosa vale mais que o universo físico inteiro. Elas amam a Deus sobre todas as coisas, totalmente. Este amor as faz abraçar seus sofrimentos, e amar a justiça que as mantém neste lugar de expiação. Em vão abriríamos a porta do Céu a essas almas, pois prefeririam ficar mergulhadas nas chamas que entrar na glória com a mais leve imperfeição. Elas não podem agradecer a seu Bem-Amado o bastante por tê-las preparado um lugar de expiação para poderem

adquirir aquele esplendor de beleza que convém às Suas esposas. E ainda melhor que Jó, no meio de suas dores, elas repetem sem cessar: *Bendito seja o santo nome do Senhor!*

Tende, pois, compaixão dessas santas almas, enquanto ainda têm necessidade da nossa assistência. Muito em breve os papéis se inverterão: elas se tornarão nossas protetoras no Céu, nossas mediadoras diante de Deus, e então elas nos retornarão com alegria, e com juro, aquilo que tivermos feito por elas no tempo de sua aflição.

Elas são amadas por Deus

Se Deus, diz um piedoso autor, nos ama, nós, pobre pecadores, tão imperfeitos, tão desprovidos de virtudes e méritos, então essas almas do Purgatório, que são Suas para sempre e em quem Ele vê brilhar a beleza dos Seus eleitos, Lhe são, portanto, infinitamente mais queridas. Essas são Suas esposas, Seus filhos queridos, os herdeiros da glória, chamados a Lhe bendizer eternamente no Céu. Todos são pedras vivas, destinadas ao edifício da Jerusalém celeste, e que o cinzel do Divino Escultor acaba de talhar e de polir, antes de os fazer entrar no lugar a que as destinara desde toda a eternidade. Sim, Ele as ama carinhosamente, Ela as olha com amor, Ele deseja ardentemente Se unir a elas. Seu coração paternal sofre pelo seu triste exílio, mas Sua justiça, que tem os mesmos direitos que Sua bondade, as retêm na prisão até que tenham pagado todas as suas dívidas. Que alegria para este bom e carinhoso Pai, se um amigo, um mediador, se coloca entre o castigo e a culpa, vem desarmar Seu rigor e O reconciliar com seus amados filhos!

Quantas razões para nos afeiçoarmos a essas almas benditas, e para exercer generosamente a misericórdia para com elas! Elas são tão dignas de nossa piedade! Quando damos uma esmola a um pobre, não sabemos se ele a merece, se não se tornará por isso mais culpado, mais ingrato. Mas nessa obra temos a certeza do sucesso. A terra onde plantamos é invariavelmente fiel: para cada grão que semeamos,

o Céu colhe um fruto e nós, uma bênção. Como isso nos dá ânimo!

Exemplo

Santa Gertrudes, em um êxtase, viu a alma de uma religiosa que passou sua vida no exercício das maiores virtudes. Ela estava na presença de Nosso Senhor, vestida com a insígnia da caridade, mas não ousava olhar para o rosto adorável do Salvador. Ela permanecia com os olhos baixos, com a atitude de um criminoso em flagrante, indicando por seus gestos querer retirar-se, afastar-se do divino Mestre. Gertrude, espantada pelo comportamento tão singular, queria saber o porquê: *Deus de bondade*, disse ela, *por que não recebeis esta alma junto de vós?* A estas palavras, Nosso Senhor estendeu os braços com amor, como se quisesse atrair esta alma a si, mas ela se afastou com uma humildade respeitosa. A santa, cada vez mais surpresa, perguntou à alma da religiosa por que ela fugia assim dos abraços de tão terno esposo. Ela lhe respondeu: *Porque ainda não estou purificada das manchas que minhas faltas deixaram em mim. E, se Deus me concedesse, no estado em que estou, a livre entrada do céu, eu não consentiria, pois, por mais brilhante que eu pareça aos seus olhos, sei que ainda não sou uma esposa digna de meu Salvador.*

Asim essas santas almas suportam seus sofrimentos de muito bom grado, com uma resignação perfeita. Elas estão tão transformadas em Deus, que elas não quereriam, ainda que pudessem, subtrair a menor parte de seus tormentos. Elas os aceitam com uma alegria que cresce mais à medida que se aproximam do termo de sua expiação. Ó! Como são dignas de nosso amor, de nossa piedade, de nossa caridade!

Oremos. Ó Deus que perdoais aos pecadores e que deseiais a salvação de todos os homens, lançai um olhar de bondade sobre as almas do Purgatório. Elas são Vossas esposas, Vossos filhos de predileção. Elas Vos amaram carinhosamente e Vos serviram corajosamente. Mostrai-lhes vossa divina face. Ó Jesus, sede-lhes propício! Senhor, chamai vossos filhos e nossos irmãos à morada

eterna, e que a luz que não se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo segundo dia

Estado das Almas do Purgatório em relação a nós

Estão unidas a nós pelo laço da caridade

Lembraí-vos, diz um piedoso autor, que estamos unidos a essas santas almas pelas cadeias de uma corrente espiritual e toda divina. Como nós, elas foram criadas à imagem de Deus, resgatadas pelo sangue de Jesus Cristo, regeneradas pelas águas do batismo e, podemos dizer verdadeiramente, que os mesmo braços, os da Igreja, as carregaram. Somos filhos da mesma mãe. Como nós também, e talvez ao nosso lado, elas tomaram lugar à mesa da sagrada Eucaristia e receberam este penhor da vida eterna. Elas levaram ao mundo futuro as mesmas esperanças que adoçam os amargores de nossa peregrinação. Membros do mesmo corpo, herdeiras do mesmo reino, elas serão um dia nossas companheiras na eternidade. Mas entre elas e nós existe esta diferença: elas são infelizes, prisioneiras, mártires, impotentes para ajudarem-se a si mesmas, e esperam de nós ajuda e consolação.

Nós temos para com elas uma dívida. Não têm elas um direito incontestável à nossa compaixão e ao nosso amor? Se os membros de uma mesma família se amam entre si com ternura, se a dor de

um se torna a dor dos outros, não deve ser assim também com os filhos da Igreja católica? Onde está nossa caridade, se nós não amamos essas pobres almas imersas na dor? Será possível que, sendo humanos, e sobretudo cristãos, fiquemos insensíveis ao seus males? Amemo-las como nós mesmos, amemo-las como Jesus Cristo nos amou. E então nós as aliviaremos e as libertaremos. *Meus filhinhos*, escreveu o apóstolo São João, *não amemos somente com palavras e com a língua, mas com ações e em verdade.*

Estão unidas a nós pelo laço da fraternidade

Entre essas vozes que gemem tão cheias de aflição e dor, não distinguís alguma que vos seja familiar e que vos fale eloquentemente ao vosso coração? Ah! É o clamor do sangue! É a voz de um irmão, de uma irmã que vos ama com carinho, e que fazia convosco a alegria do lar paterno. É a voz de um filho querido, a esperança da família, que querieis poupar da morte, e que, já moribundo, vos estendia sua mão desfalecente e gelada. É a voz de um esposo, de uma esposa bem amada, que o amor uniu ao pé do altar e que a morte, infelizmente, separou. É a voz de um pai, de uma mãe, cujo sangue corre em vossas veias e cuja morte arrancou de vós tantas lágrimas. E esse grito do sangue, essa voz da família, que ela vos diz? Escuteis: *Vem, ó irmão, ó irmã, ó filho, ó esposo, ó pai, vem me socorrer! Há muito tempo que eu estou chamando! Eu não tenho ninguém além de você, e você não vem. Vem com o seu coração, com as suas orações, com as suas boas obras, com a sua devoção. Vem me tirar deste abismo incandescente, me levar para o Céu, para Deus, para a Eternidade! Vem!!*

Alma cristã, como resistir a esse grito de sofrimento? Como não responder a esse apelo urgente? Meu Deus! Quem sabe se não fomos nós mesmos quem acumulamos essas brasas vingadoras sobre a cabeça daqueles que tanto nos amaram, talvez até demais? Que motivo mais oportuno para as socorrermos!

Exemplo

Em 1874, um judeu, artista distinto, se converteu durante um sermão sobre a Eucaristia, deixou o mundo após ter recebido o batismo, e entrou numa ordem religiosa bastante austera. Ela passava todos os dias muitas horas diante do Santíssimo Sacramento e, durante os momentos de fervor, o que ele pedia a Jesus Cristo era a conversão de sua mãe, por quem tinha um carinho filial dos mais ternos. Contudo ele não conseguiu nada: sua mãe morreu com obstinação no erro do judaísmo. Penetrado de uma dor amarga, ele foi prostrar-se diante do Tabernáculo e, dando vazão às suas queixas, disse: *Senhor, eu Vos devo tudo, é verdade, mas o que Vos recusei? Minha juventude, minhas esperanças no mundo, o bem estar, as alegrias da família, um repouso talvez legítimo, tudo sacrifiquei desde que me chamastes. Até mesmo meu sangue eu teria dado. E Vós, Senhor, a eterna bondade, que prometeu dar cem vezes mais, me recusou a alma de minha mãe? Meu Deus, eu sucumbo a este martírio, meus murmúrios escapam de minha boca.*

Os soluços sufocavam este pobre coração. De repente, uma voz misteriosa atinge seu ouvido e diz: *Homem de pouca fé, tua mãe está salva! — Minha mãe está salva! Ah! Senhor, será possível!? — Sim, ela está salva! Saiba que a oração tem todo poder junto a mim. Recolhi todas aquelas que me dirigiste por tua mãe, e minha providência as levou em conta, em sua última hora. No momento em que ela expirava, apresentei-me a ela e, ao me ver, ela exclamou: "Meu Senhor e meu Deus!". Levanta, pois, com coragem. Tua mãe evitou a danação e tuas súplicas fervorosas libertarão logo sua alma da prisão do Purgatório.*

Oremos. Misericórdia, Senhor, para as almas a quem Vós me unistes pelos laços mais doces, mais estreitos, e a quem Vós me destes o dever de amar. Sim, misericórdia para as almas dos meus pais, dos meus bem-feitores, dos meus amigos. Senhor, deixai-Vos mover pelas orações e pelas lágrimas que eu Vos ofereço por elas. Ó Jesus! Ó Maria! Sede-lhes propícios! Chamai Vossos filhos e nossos irmãos para o lugar de descanso, de luz e de paz.

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo terceiro dia

As almas negligenciadas

Esquecidas por seus amigos

Considerai que existe no fundo do Purgatório uma multidão de almas inteiramente esquecidas, por quem ninguém se interessa, e que sofrem sem consolações. A Igreja, é verdade, não esquece nenhum de seus filhos, e as almas de que falamos se beneficiam como as outras das orações que esta mãe carinhosa dirige todos os dias ao Senhor em favor dos defuntos. Mas, além dessas orações gerais, não lhes vem da terra nenhum socorro particular. Elas são, em primeiro lugar, abandonadas por seus amigos que lhes prometeram e juraram uma afeição indestrutível. Mas como essa amizade era puramente humana e misturada de muito egoísmo, ela desapareceu com o último badalar do sino. Que excesso de aflição não causa a essas pobres almas este esquecimento tão inesperado. Ah! Escutai a estas justas reprovações que elas dirigem àqueles que tão depressa esqueceram dos deveres da amizade: Tende piedade de nós, vós que ao menos foram nossos amigos! Nós vos demos tantas provas de nosso afeto e de nossa estima sobre a terra! Vós afirmastes tantas vezes o vosso amor! Vós prometestes durante nossa última hora que não nos esqueceríeis jamais! Ai de nós! Vós não pensais mais em

nós. Nenhuma oração, nenhuma esmola, nenhuma lágrima, nenhum suspiro. Porque estamos longe de vossos olhos, vós nos banistes de vosso coração. Ó inconstância do amor humano, como diz Bossuet, com os anos e os interesses!

Não são estas reprovações dirigidas também a vós, alma cristã? Pensais alguma vez nos amigos de infância, da juventude, que a morte vos tirou, e que sofrem, talvez, por vos terem amado demais? São Francisco de Sales dizia: *Esses queridos falecidos, nós os esquecemos quase sempre, e no entanto, eles nos amaram tanto em vida!* Ah! Devemos temer ser esquecidos quando chegar a nossa vez, pois está escrito que quem esquece será esquecido, *si quis ignorat ignorabitur*.

Esquecidas pelos familiares

Esquecidas por seus amigos, estas pobres almas de quem falamos são também esquecidas por seus parentes, seja porque eles não estejam mais neste mundo, seja porque eles renunciaram a todo sentimento de caridade e de reconhecimento. Sim, seu pai, sua mãe, seus irmãos, suas irmãs, seus herdeiros, as abandonaram. Para todo lugar a que voltam seus olhares, não encontram nada além de esquecimento, de negligência. O esquecimento de toda sua vida, da qual nenhuma palavra se fala a respeito. O esquecimento de seu nome, que ninguém mais pronuncia. O esquecimento de seu túmulo, que não recebe mais visita nem oração. O esquecimento de sua morte, que ninguém mais chora. O esquecimento de seus sofrimentos depois da morte, que ninguém procura mitigar. Esquecimento em todo lugar e sempre. Pobres almas! Quem sabe quanto durarão suas dores, sua estadia neste terrível Purgatório onde elas não recebem nenhum socorro? Como este cruel isolamento deve aumentar seus sofrimentos! Ah! Elas têm o direito de clamar como Jó (Jó 19:13-14): *Meus irmãos foram para longe de mim, meus amigos de mim se afastaram. Meus parentes e meus conhecidos desapareceram, os hóspedes de minha casa esqueceram-se de mim*. Ou como o Salmista (Salmo 31:12): *Estou esquecido no coração*

deles, como um morto; sou como um vaso quebrado. Ou como Jesus, abandonado por todos no jardim do Getsêmani, elas podem dizer (Salmo 69:20): *Esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não os achei.*

Alma cristã, rezai frequentemente, dai esmolas, fazei comunhões pelos mortos mais esquecidos. Tomai o lugar de pai, de mãe, de irmão, de irmã e de amigo. Existe obra mais digna de vosso zelo e de vossa caridade? Um dia, eles rezarão por vós, se, o que é provável, vossos parentes e vossos herdeiros vos esquecerem e vos abandonarem.

Exemplo

Há alguns anos, em uma paróquia rural, um crime pavoroso veio consternar os corações e revoltar a natureza. Um jovem, endurecido pelas paixões que tornam os corações ferozes, teve a crueldade de conspirar com um infame comparsa a morte da própria mãe, e esses dois executores a jogaram numa lagoa de águas turvas. A pobre mãe se debatia e estendia os braços em direção aos assassinos. O estranho, com sua mão, repelia a infeliz mulher que tentava se agarrar à margem. Mas o filho, por mais canalha que fosse, quando viu sua mãe estender a ele aqueles braços que o carregaram, de repente caiu em si, vencido pela natureza. Ele começou a estender a mão para retirá-la das águas, e de fato o teria feito, se o infame cúmplice não tivesse, de súbito, a empurrado para longe e a mergulhado na morte.

Há nesse lago invisível do Purgatório, alguns amigos, alguns conhecidos, alguns familiares que podemos dali retirar. Talvez nós mesmos tenhamos contribuído para precipitá-los nessas chamas. Sim, talvez tenhamos jogado lá um irmão, um pai, uma mãe! E enquanto pensamos apenas em nossos prazeres, eles se debatem nesse terrível suplício. Eles choram, eles gritam, eles nos chamam, eles nos estendem as mãos. Não os libertaremos?

Pobres almas! Vós sois nossos irmãos em Jesus Cristo, nós seremos

para vós um pai, uma mãe, um irmão, uma irmã, nós seremos vossos amigos, vossos salvadores. E, um dia, vireis também em nossa ajuda.

Oremos. Ó Jesus! Abandonado por todos e até mesmo pelos vossos apóstolos, no jardim do Getsêmani, dignai-Vos ter piedade de todas as santas almas do Purgatório, e em particular daquelas que não recebem nem orações nem consolações da parte dos vivos, daquelas cujas datas de nascimento e de morte não são mais lembradas. Sede seu consolador, seu libertador. Ó Jesus, chamai enfim estes filhos esquecidos ao seio da família do Céu. Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo quarto dia

Alívio das almas do Purgatório

Nós podemos aliviá-las

Nós cremos, definiu o Concílio de Trento, que as almas detidas no Purgatório são aliviadas pelos sufrágios dos fiéis. É por isso que, em sua magnífica e divina unidade, a Igreja compreende os cristãos de todos os tempos e de todos os estados. A caridade que os uniu e torna comum seus bens espirituais, não se estende apenas aos vivos, ela vai além do túmulo com aqueles que morreram na paz do Senhor. Portanto a caridade, diz São Paulo, não é como a fé e a esperança, que se apagam com o nosso último suspiro, ela sobrevive à morte e jamais perece: Charitas nunquam excidit. Por isso, os justos, depois da morte, não são separados da Igreja, nem cortados da comunhão dos santos. Eles são sempre nossos irmãos, nossos amigos, nosso próximo. Como os anjos e os eleitos do Céu, nós podemos também livrar essas pobres almas de sua terrível prisão. Os anjos e os santos só podem fazê-lo por meio da oração, mas nós podemos por todo tipo de sufrágio e boas obras. Deus nos deu um tal poder sobre a sorte dessas pobres almas, diz o padre Faber, que ela depende mais da terra que do Céu. Tal é a consoladora doutrina da Igreja! Tal é a tocante economia da Comunhão dos Santos!

Que alegria, que felicidade para vós, alma cristã e aflita, que chora um pai, uma mãe, uma esposa, uma criança querida! Consolai-vos, vós podeis ainda lhes dar provas de vosso amor, de vossa devoção: vós podeis ser o seu anjo libertador. Apressai-vos, portanto, vinde quebrar suas correntes, vinde quitar seus débitos, afim de que essas pobres almas possam voar para o seio da Igreja triunfante.

Nós devemos aliviá-las

Não somente podemos, mas também devemos ir a socorro dessas almas infelizes. Nós devemos a Deus. Pai bom e amoroso, Ele as ama como suas esposas queridas e deseja vivamente as abrir a porta do Céu, mas sua justiça se opõe. Então, Ele se volta para nós e nos pede para satisfazer sua justiça por elas. Ele nos forneceu os meios e vê como feito a Si mesmo aquilo que fizemos à mais culpada e à mais sofredora das almas. — Nós devemos à essas pobres exiladas. Algumas, um grande número talvez, sofre no Purgatório por nossa culpa, como resultado da nossa negligência, de nossos maus conselhos, de nossos escândalos. E nós, não faremos nada para as aliviar? Ousaríamos dizer: *Sou inocente das lágrimas de sangue derramadas por este justo!* — Enfim, nós devemos a nós mesmos. Não nos esqueçamos que teremos necessidade um dia, talvez em breve, que dirijam a nós a caridade que podemos agora dirigir aos outros. Tudo que a piedade nos inspira a fazer pelos falecidos, diz Santo Ambrósio, se converte em obras meritórias para nós, e ao fim de nossa vida, receberemos o cêntuplo daquilo que demos.

Alma cristã, olhai para dentro de vós, interrogai vossa consciência. Tendes cumprido bem e tendes praticado até hoje este importante dever? Pensais frequentemente, pensais todos os dias nas almas que sofrem no Purgatório? Ai! Que justas reprimendas elas tem o direito de vos fazer! Tende, portanto, com elas aquela caridade que Deus ordena e abençoa; aquela caridade que abre o Céu tanto àquele que a exerce como àquele que recebe; aquela caridade que é o passaporte

do cristão ao outro mundo.

Exemplo

Catherine de Cortone saiu de uma família nobre. Quando pequena, sua piedade e seu fervor eram os de um anjo. Ela não tinha ainda completado oito anos quando perdeu o pai. Um dia ele lhe apareceu todo envolto pelas chamas do Purgatório. *Minha filha*, disse ele, *ficarei neste fogo até que faças penitência por mim*. Com o coração trespassado de compaixão, Catarina levantou-se com coragem, e desde esse dia praticou austeridades admiráveis que fizeram dela um prodígio de penitência. Suas lágrimas, seus suspiros, suas orações, suas mortificações, logo desarmaram a justiça divina e quitaram a dívida paterna. Seu pai, radiante com o esplendor dos bem-aventurados, apareceu-lhe novamente e dirigiu-lhe estas doces palavras: *Deus aceitou tuas súplicas e tuas obras satisfatórias, minha filha; vou gozar da glória. Continua toda a tua vida a imolar-te como vítima pela salvação das almas sofredoras, esta é a vontade divina*. A heroica virgem foi fiel à sua sublime missão. Toda a sua vida ela rezou e praticou austeridades impressionantes para o alívio dos mortos. Suas piedosas companheiras quiseram persuadi-la a diminuir um pouco suas penitências. Ela respondeu com estas notáveis palavras que revelam todo o segredo de sua vida: *Quando se viu, como eu, o que é o Purgatório e o inferno, não se pode fazer demais para tirar as Almas de um e preservá-las do outro. Não devo, portanto, poupar-me, porque me ofereci em sacrifício por elas*. E nós também, temos missão e dever de socorrer as Almas que Jesus resgatou; não o esqueçamos jamais.

Oremos. Bendito sejas, ó meu Deus, por me terdes confiado a missão de aliviar essas almas que tanto amais, e que têm tanto direito à minha compaixão. Como é bom poder enxugar suas lágrimas e abrir-lhes o Céu! Lembrai-me frequentemente deste grande dever da caridade e ajudai-me a cumpri-lo. Jesus, sede propício aos nossos queridos defuntos. Chamai vossos filhos e nossos irmãos à felicidade

eterna, e que a luz que não se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo quinto dia

O esquecimento dos mortos

Denota uma grande insensibilidade

Um pobre, chamado Lázaro, com muita fome, coberto de úlceras e vestido em trapos, diz o Evangelho, deitava-se à porta de um homem rico e opulento. Ele pedia pouco: as migalhas que caíam da mesa do rico. Mas este lhe recusava tudo impiedosamente. Que insensibilidade! Que dureza! É de espantar que este rico mau, após sua morte, tenha descido ao inferno, enquanto o pobre Lázaro subiu ao seio de Abraão?

A lembrança de nossos parentes falecidos está sempre presente no nosso espírito e no nosso coração. A casa em que moramos, o nome que carregamos, os bens de que desfrutamos, tudo nos lembra de sua imagem. Eles não gritam, é verdade, seus túmulos são mudos, mas a Igreja, que é mãe deles e nossa, nos diz sem cessar: tende piedade dos vossos mortos que a mão de Deus castiga! Deixai cair de vossa mesa algumas migalhas para mitigar a sua fome, algumas gotas para extinguir a sua sede. *Servo mau, não devíeis ter piedade de vosso irmão?* Ele só viveu, só trabalhou para vós em sua vida, e agora que vos pede apenas algumas migalhas da herança que te deixou, vos lhas recusais? Ó desumanidade! Ó barbárie! Alma cristã, digei-me: se

somos insensíveis aos gritos de angústia de nossos irmãos sofredores, como o rico mau, será Deus sensível aos nossos? Receber-nos-á em seu seio? Se não nos precipitar no inferno, como ali precipitou o rico, não nos condenará por longos anos às chamas expiatórias do Purgatório? Meu Deus, que assunto de sérias reflexões!

Revela uma grande ingratidão

Um oficial do faraó, tendo caído na desgraça do rei, foi lançado na prisão com José. Sendo um homem doce e compassivo, José fez amizade com seu companheiro de infortúnio, amenizou sua tristeza, interpretou seus sonhos e lhe deu a garantia de que seria reestabelecido em breve. Como prova de gratidão, pedia apenas que ele se lembrasse dele perante o rei. Mas, infelizmente, esse ingrato, inebriado das doçuras de sua nova prosperidade, se esquecera completamente de seu benfeitor, e o pobre José esperou ainda dois anos atrás das grades.

Com a narrativa desse cruel esquecimento, não se enche o vosso coração de uma justa indignação, alma cristã? E como podeis vós mesmos vos esquecer de tantos parentes, de tantos benfeitores, de quem recebestes a vida, de quem recebestes muitos bens, a quem deveis vossa educação, vossa distinção? Anteriormente, quando diziam adeus, e vos pediam para que não os esquecessem, vós respondíeis chorando: *Eu? Vos esquecer? Jamais, não, jamais! Antes morrer eu mesmo.* Mas, infelizmente, o tempo secou vossas lágrimas e vós logo vos esquecestes dos mortos. Vós não tendes por eles nem arrependimentos, nem carinho, nem reconhecimento. Vós vos deleitais, como o oficial do faraó, do bem-estar que eles vos adquiriram, com o suor de sua fronte, e os deixais gemer, eles, como José, na prisão do Purgatório. Ó Alma cristã, onde está pois vossa fé, vossa consciência, vosso coração, vossa memória? Senhor, Senhor, repara este estranho esquecimento e dai a nossos irmãos sofredores e abandonados o repouso e a glória eternos.

Exemplo

O Grão-cã, tendo posto em fuga o exército de Maurício, exigiu do imperador uma soma de dinheiro considerável pelo resgate dos numerosos prisioneiros que havia feito. Maurício recusou. O vencedor pediu então uma soma menor que não lhe foi concedida. Após ter reduzido a bem pouca coisa o resgate que desejava, sem poder obtê-lo, o bárbaro irritado mandou cortar a cabeça a todos os soldados imperiais que tivera em seu poder. Mas aconteceu que, poucos dias depois, Maurício teve uma visão terrível. Convocado ao tribunal de Deus, viu uma grande multidão de escravos que carregavam correntes pesadas. Esses infelizes, com vozes horríveis, clamavam vingança contra ele. O juiz soberano, irritado, disse a Maurício: *O que preferes? Ser punido neste mundo ou no outro?* — *Ah! Senhor, prefiro ser castigado neste mundo*, responde o imperador consternado. — *Pois bem, em punição de tua crueldade para com esses pobres soldados, cuja vida não quiseste salvar, quando o podias a tão pouco custo, um de teus soldados te tirará tua coroa, tua reputação e tua vida, e toda tua família te seguirá em tua queda.* Com efeito, poucos dias depois, o exército se insurgiu e proclamou Focas imperador. Maurício, fugitivo, escapou num pequeno navio, mas foi em vão. Os partidários de Focas se apoderaram dele e o encheram de correntes. Esse pai infeliz teve a dor de ver massacrados seus cinco filhos e ele mesmo morreu ignominiosamente. Alma cristã, que ledes este relato, pensai bem nisto: não são pobres soldados, são vossos próprios irmãos, vossos queridos pais que gemem, e que são prisioneiros da justiça divina. Nosso Deus misericordioso vos pede para seu resgate uma oração, uma comunhão, uma esmola, uma lágrima. Sereis tão duro, tão insensível, para as recusar?

Oremos. Como poderia eu me esquecer, Senhor, destas almas às quais Vós unistes a minha por laços de afeição e de sangue? Como poderia eu abandoná-las em seus cruéis sofrimentos, estes entes queridos que me deram, durante suas vidas, provas tão numerosas de devoção tão terna? Todos os dias de minha vida e até meu último

suspiro, eu rezarei por elas. Ó Jesus, sede-lhes propício! Chamai vossos filhos e nossos irmãos à Cidade santa! Que eles repousem na paz eterna!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo sexto dia

Primeiro motivo para socorrer as almas do Purgatório: a Glória de Deus

Esta devoção glorifica a Deus

O primeiro motivo que deve nos levar a apressar, por todos os meios possíveis, a libertação das santas Almas do Purgatório, é a glória de Deus. Com efeito, nada glorifica mais o Altíssimo, faz bendizer Seu Santo Nome, dilata Seu coração paternal, enfim, nada contribui mais para o cumprimento de Sua vontade adorável, que o alívio dos mortos. Ah! Devemos compreender que, ao lhes abrir o Céu, nós estamos dando a Deus mais vozes para O louvar, mais corações para O amar e bendizer. Nós estamos Lhe dando almas que vão se consumir ao pé do trono de Sua eternidade, nos ardores de um amor tão puro, tão perfeito e tão grande, que não podemos sequer compreendê-lo do lugar do nosso exílio. *Não há nada mais agradável ao Senhor, diz santo Agostinho, que o alívio e a libertação dos fiéis falecidos.* Acrescenta Bourdaloue: *É um apostolado mais belo, maior e mais meritório que a conversão dos pecadores, dos infiéis, dos pagãos.*

Apressemos-nos, portanto, para satisfazer aos direitos da justiça divina a adquirir esta glória. Estas almas farão por nós no Céu aquilo que não fazemos senão imperfeitamente neste mundo. Serão vozes puras, angelicais, que cantarão para nós aquele hino nacional que não podemos cantar em terras estrangeiras. É por seus cantos de triunfo que glorificaremos a Deus de toda a glória e de toda a majestade. E este Deus, que prometeu não deixar sem recompensa um copo de água fresca dado a um pobre em Seu nome, cobrirá de generosidade aqueles que se dedicam para Lhe dar almas que O amam tão ternamente.

Esta devoção alegra os santos

Saibamos nós que, ao libertar pelo nosso sufrágio essas almas benditas, não somente glorificamos a Deus, mas também alegramos o Céu inteiro. A entrada de um novo eleito naquela bela pátria é uma festa de família para todos os seus ditosos habitantes. Cada um deles dá-lhe as boas vindas e o felicita com uma alegria fraternal. Maria, a mãe de misericórdia, a consoladora da Igreja padecente, estremece de uma santa alegria, une-se a Jesus para depositar sobre sua cabeça a coroa de glória e de imortalidade prometida aos vencedores. Seu anjo da guarda, seu santo padroeiro, o saúdam com uma alegria inefável e o felicitam por sua libertação e sua felicidade. Toda a corte celeste, que se rejubila com a conversão de um pecador, regozija-se ainda mais ao ver aumentar o número dos eleitos; ela entoa novos hinos à glória do Cordeiro divino cuja graça, vitoriosa sobre a fraqueza humana, eleva os filhos de Adão sobre os tronos dos anjos caídos.

Ó alma cristã, apeguemo-nos a uma devoção tão agradável a Deus e a todos os amigos de Deus. Ouçamos com os ouvidos, não mais aos gemidos das almas do Purgatório, mas aos urgentes convites de Jesus Cristo, da santa Virgem e dos santos, que nos suplicam para conduzirmos para perto deles, na Cidade das alegrias, nossos irmãos desafortunados que choram na horrível prisão do Purgatório.

Entreguemos esses órfãos a seu Pai que está no Céu, esses pobres exilados a sua pátria eterna. Um dia, em breve, nós iremos nos juntar a eles e partilhar de sua felicidade.

Exemplo

É contado no Livro de Daniel que o rei da Pérsia, Dario, fez uma lei cujo violador incorreria na pena de ser exposto aos leões e por eles ser devorado. O profeta Daniel, adorador do verdadeiro Deus, não podendo se submeter a essa lei pagã, foi acusado de violador da vontade real. O rei amava Daniel, e ficou desolado ao saber que ele era acusado de um crime que o condenaria à cova dos leões. Mas, para não se colocar em oposição à lei que acabara de promulgar, ele consentiu que o profeta fosse precipitado nessa espantosa cova. O rei, ao deixá-lo partir, disse-lhe: *Daniel, servo de Deus, vai tranquilo; o que eu não posso fazer, eu, sem ferir minha justiça, tenho confiança que o Deus que tu adoras, o fará, e ele te libertará em sua misericórdia.*

Com efeito, Deus velou milagrosamente sobre Daniel. Ele fechou primeiro a boca dos leões que, ao invés de serem seus carrascos, tinham se tornado seus guardiães. Em seguida, ele enviou seu anjo para lhe levar comida. Eis a imagem do que acontece às almas do Purgatório. Deus, ao vê-las manchadas de pecado, endividadas para com sua justiça, não pode admiti-las em seu reino, ele é obrigado a enviá-las à prisão da expiação, e lhes diz: "Ide, ide com confiança, pois o que eu não posso fazer, por causa de minha justiça, um outro Deus o fará, um Deus que eu mesmo constituí sobre vós e para vós, e que será o ministro de minhas misericórdias."– Qual é este Deus? Sois vós, alma cristã. Vós sois constituída o Deus do Purgatório, como Moisés foi constituído o Deus do Egito. A vós cabe aliviar, libertar essas pobres prisioneiras; a vós cabe levar-lhes o alimento espiritual que elas aguardam com impaciência. Que nobre e santa missão!

Oremos. Ó Deus infinitamente bom e infinitamente amável, esqueci-Vos, eu Vos suplico, os direitos de Vossa justiça para Vos

lembrardes apenas dos direitos de vossa misericórdia. Exercei-a em toda sua extensão sobre essas Almas que vos são tão caras. Abri-lhes vosso seio paternal e permiti-lhes que, enfim, vos glorifiquem no Céu por suas ações de graça e seus eternos louvores. Doce Maria, santos e santas do Céu, intercedei por elas. Ó Jesus, sede-lhes propício! mostrai-lhes vossa face na Jerusalém celeste! Que elas repousem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo sétimo dia

Segundo motivo para socorrer as almas do Purgatório: o Amor de Nosso Senhor

O quanto Ele ama as almas do Purgatório

Considerais que Jesus Cristo tem pelas almas do Purgatório, como por todas as almas resgatadas pelo preço de Seu Sangue, um amor infinito. Cada uma pode repetir como o grande apóstolo: *Ele me amou e se entregou por mim*. E se há gradações no infinito, Ele deve amá-las mais que nós, porque confirmadas na graça, incapazes de pecar, elas não mais O ofenderão; porque elas sofrem imensamente e com uma resignação perfeita; porque elas O bendizem e O estimam mais ternamente do que nós. Sim, não duvidemos disso, os olhos e o coração do misericordioso Jesus estão para sempre atraídos a esses mártires do além-túmulo, nossos irmãos, os mortos. Longe de os esquecer, de os abandonar em seus sofrimentos, podemos dizer que, de alguma maneira, Ele sofre com eles. Sim, Ele sofre como redentor dessas almas que resgatou por meio de tantos sacrifícios. Sofre também como Pai de filhas tão queridas e como Esposo de

esposas tão amadas. Sofre como Cabeça de seu corpo místico que padece. As dores dessas almas, O fazem recordar de Suas próprias dores, e amor que têm atraem Seu próprio amor. Se Ele pudesse morrer novamente, Ele o faria para pagar suas dívidas e abrir-lhes as portas do Paraíso. O que detém a força de Seu amor é a sabedoria e a misericordiosa justiça de um Deus que se opõe à menor das manchas.

Tenhamos, alma cristã, os mesmos sentimentos do coração de Jesus. Como Ele, amemos nossos irmãos da igreja padecente, amemo-los ternamente por causa da sua santidade, por causa do excesso e da duração de seus tormentos. Amemo-los como a nós mesmos, por amor a Deus. Desse modo, compartilharemos de suas tristezas e lhe estenderemos uma mão que os socorre.

O quanto Ele deseja que as socorramos

Jesus não pode livrar Ele mesmo as almas do Purgatório: a justiça divina o impede; mas do Tabernáculo, onde o amor O torna prisioneiro, ele admoesta todos os fiéis da terra a orar por elas, a fazer descer o refresco e a paz em seu lugar de expiação. Ele disse um dia a santa Gertrudes: *Todas as vezes que tu libertas um prisioneiro, isso me alegra como se tivesses me resgatado a mim mesmo da prisão, e eu saberei recompensar-te por isso.* No altar onde Ele se oferece, não deseja que Seu sacrifício seja realizado uma só vez sem que o padre e seus assistentes tenham uma lembrança da Igreja padecente: é a memória dos mortos na oração Eucarística. Enfim, Ele reuniu em um único tesouro todos os Seus méritos, todos os de Sua divina Mãe e os dos santos, e Ele pede a todos os fiéis que dele tirem com as mãos cheias, a fim de quitar as dívidas das almas cativas. *Tende piedade dessas almas que me são tão caras, exclama Ele. Oh! devolvi-me meus filhos; libertai-os pela oração, pelo santo sacrifício, pelas indulgências. Depressa! Abreviai o momento em que me será dado coroá-los na glória e inundá-los com um torrente de delícias!*

Para nos encorajar à caridade, Ele não cessa de repetir aquilo que dizia a Seus discípulos quando falava dos pobres: *Tudo o que fizerdes a um desses pequeninos, é a mim que o fazeis*. E Ele nos recompensará um dia, como se Ele mesmo tivesse sido libertado. Alma cristã, que grande motivo para nos inflamar de zelo em favor de uma obra tão importante, tão santa, e que nos é tão fácil de realizar! Como somos felizes em poder satisfazer de maneira tão simples os ardentes desejos do Coração de Jesus!

Exemplo

Em uma carta escrita a uma mulher do mundo, o Padre Lacordaire conta que um camponês da Polônia veio a falecer, e que foi colocado pela justiça divina nas chamas expiatórias. Sua piedosa esposa rezava sem cessar pelo repouso de sua alma. Por não acreditar que suas orações fossem eficazes o bastante, ela desejou que se celebrasse o Santo Sacrifício da Missa em honra do Sagrado Coração de Jesus, pela libertação daquele por quem chorava. Infelizmente, ela era pobre e não podia pagar a quantia que era de costume oferecer pela celebração do Ofício Divino. Ela se apresentou diante de um rico cavalheiro, que era filósofo, ateu, e expôs humildemente o objeto de seu pedido. Este se enterneceu e deu-lhe a quantia que ela havia pedido. A viúva, tão logo recebeu o dinheiro, fez celebrar a Santa Missa, na capela do Sagrado Coração, pela libertação de seu querido esposo, e ali tomou a santa comunhão com todo o fervor possível. Que aconteceu? Deus permitiu que, alguns dias mais tarde, o finado camponês aparecesse ao rico bem-feitor: *Eu vos agradeço*, disse-lhe, *da esmola que fizeste pela oferta do divino sacrifício: esta oblação libertou minha alma do Purgatório, onde estava presa, e agora, em agradecimento pela vossa caridade, eu venho da parte do Senhor, anunciar-vos que a vossa morte está próxima, e que deveis reconciliar-vos com Ele*. E esse rico incrédulo se converteu, e morreu, com efeito, nos sentimentos mais cristãos. Louvado seja o Sacratíssimo Coração de Jesus!

Oremos. Ó Jesus, cheio de misericórdia, Vós que tanto amastes os homens, que os justificais pela fé e os glorificais pela graça, eu Vos peço, pela ferida de Vosso sagrado lado, aberto pela lança na cruz, livrai os defuntos do fogo do Purgatório e tornai-os dignos da glória de Vossos santos. Sede-lhes propício, ó Jesus! Chamai vossos filhos e nossos irmãos à morada eterna. Que eles descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo oitavo dia

Terceiro motivo para socorrer as almas do Purgatório: o Amor de Maria

Ela consola as almas do Purgatório

Maria não se contenta em animar e em consolar seus queridos filhos na terra, ela é também a Consoladora daqueles que a justiça e o amor retêm no lugar de expiação. Que mãe, ao ver seu filho cair sobre um braseiro ardente, e podendo lhe socorrer, não voaria em seu socorro? E Maria, a mais amorosa das mães ficaria insensível às torturas de seus filhos submersos nas chamas expiadoras da divina justiça? Ó não! Mil vezes não! Cheia de compaixão por eles, ela se ocupa sem se cansar de os aliviar. Não á pena alguma nessa escura prisão que ela não diminua. Não há momento algum em que ela não derrama sobre esse fogo vingador uma chuva refrescante. *Ó, como Maria é boa*, exclama São Vicente Ferrer, *para esses desafortunados prisioneiros que gemem no Purgatório! Por seu intermédio, eles são a cada instante aliviados e socorridos.* A Santa Virgem diz ela mesma a Santa Brígida: *Eu sou a mãe de todos aqueles que estão no Purgatório,*

e todas as penas que são impostas aos mortos, para a expiação de seus pecados, são iluminadas por minhas preces.

Muito felizes são, portanto, os verdadeiros filhos de Maria, pois sua proteção não os acompanha somente neste mundo, mas ela os procura, para consolá-los, em suas misérias invisíveis, impalpáveis, que poderíamos chamar de misérias do além-túmulo. Como este pensamento é doce e consolador! Ó, como é agradável a esperança de que a boa Virgem nos ajudará durante nossa última hora, e virá nos visitar, nos consolar, se infelizmente cairmos no abismo do Purgatório. Que grande motivo de amar tremendamente neste mundo! Ó Maria, mãe de misericórdia, consoladora dos aflitos, preservai-nos, livrai-nos do Purgatório.

Ela as liberta

A Santíssima Virgem não se limita a visitar, a aliviar as almas prisioneiras, ela as liberta por sua intercessão. Para apressar o fim de suas penas, ela inspira os viventes a ajudá-los com os sofrimentos, e ela suplica a seu divino Filho para admiti-los na morada da paz. E o que Maria pede, ela sempre obtém. Quantas almas esquecidas ou pouco socorridas não permaneceriam ali, gemendo por séculos nesse lugar de indizíveis tormentos, se a bondosa Virgem não apressasse a hora de sua libertação? Quantas voam para o céu sobre as asas de seu amor, sobretudo quando a Igreja celebra suas tocantes solenidades? O douto e piedoso Gerson assegura que, no dia em que ela subiu ao Paraíso, todas as Almas que estavam no Purgatório foram libertadas por sua intercessão. É também uma crença piedosa que todos os sábados e nos dias de suas festas, essa boa mãe desce no lugar da justiça divina, para dali tirar um grande número de prisioneiros a quem ela obteve a graça, feliz de levar seus filhos com ela para associa-los à felicidade de sua família no Céu. Sim, há lá em cima um número incalculável de bem-aventurados que devem sua libertação do Purgatório à augusta Rainha do Céu.

Alma cristã, rezai todos os dias a Maria em favor de vossos queridos falecidos; pedi para eles o seu descanso. Para este fim, ofereci por eles, de tempos em tempos, alguma mortificação, uma comunhão, uma visita à capela onde ela é especialmente honrada. Dizei-lhe frequentemente: boa Mãe, tende piedade de meus irmãos sofrendores, procurai-lhes o repouso eterno! Lembrai-vos de que eles são vossos filhos e que vós sois sua mãe!

Exemplo

Uma santa religiosa tinha dado por algum tempo seus cuidados a uma pobre moça, que estava em um estado deplorável tanto na alma quanto no corpo. Após ter levado uma vida escandalosa, Deus a tinha golpeado com uma doença vergonhosa que a tornava um objeto de desgosto e desprezo para todos. A infecção que ela transmitia ao seu redor era tal que suas vizinhas a tinham obrigado a ir buscar abrigo numa velha tapera isolada. Seu caráter era tão intratável, que ninguém lhe teria fornecido nenhum socorro, se nossa religiosa, superando o desgosto que ela lhe inspirava, não tivesse vindo, como um anjo do Céu, trazer-lhe algum conforto que a fizesse suportar sua miserável existência. Todavia, seus serviços não eram pagos senão com injúrias. Quando a irmã lhe falava de Deus, essa miserável criatura não respondia senão com blasfêmias. Um dia, sobreveio-lhe uma crise espantosa, e a infeliz doente morreu quase subitamente. Prestes a aparecer diante do soberano juiz, ela se lembrou das misericórdias de Maria, que ela tinha algumas vezes invocado em sua juventude, e lhe disse: *Ó vós que não abandonais aqueles que todos rejeitam, Mãe cheia de ternura, vinde em meu socorro; se vós me desamparais, estou perdida.* E Maria veio em socorro da pecadora, lhe inspirou atos de arrependimento e a preservou do inferno. No dia seguinte, encontram o cadáver hediondo estendido no chão, e todos acreditavam que a alma estava perdida. A irmã estava tão convencida disso, que a apagou de sua lembrança. Entretanto, um

dia, aquela que ela acreditava condenada lhe apareceu pela permissão de Deus, e lhe disse: *Como, vós que rezais por todo o mundo, me esqueceis? — Como! exclamou a santa religiosa, vós no purgatório?* A pobre pecadora lhe contou o milagre de salvação que se tinha operado nela, em sua agonia, conjurando-a a rezar à santa Virgem para libertá-la do Purgatório como ela a tinha preservado do inferno. A irmã rezou a Maria de todo coração e logo soube, por uma segunda aparição, que suas súplicas foram atendidas e que a boa Mãe tinha aberto a porta do Céu a essa alma penitente. Ó, que boa mãe é Maria!

Oremos. Salve, rainha, mãe de misericórdia! Vida, doçura, e esperança nossa, não somente neste vale de lágrimas, mas também no lugar de expiação, salve! A vós bradamos, ó consoladora dos aflitos! A vós suspiramos, gemendo por nossos irmãos que padecem no Purgatório. Voltai a eles, ó advogada nossa, vossos olhos misericordiosos. Fazei que vejam Jesus, bendito fruto de vosso ventre. É o que pedimos neste instante por eles, ó bondosa rainha, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Décimo nono dia

Quarto motivo para socorrer as almas do Purgatório: a gratidão dos falecidos

No Purgatório

É uma opinião bem recebida entre os teólogos que as almas padecentes intercedem, já no Purgatório, por aqueles que as ajudam. Elas não podem obter nada para si mesmas, e suas orações são inúteis quando pedem o fim de seus tormentos. Mas não ocorre o mesmo quando fazem orações por seus benfeitores. Essas súplicas estão dentro da ordem da Providência, têm tudo o que precisam para tocar o coração de Deus, e não estão de maneira alguma afetadas pelos defeitos que tornam as nossas orações frequentemente infrutíferas. Estas boas almas são puras e santas, amadas pelo Senhor, e sempre perfeitamente unidas a Ele. Diz um piedoso autor que elas oram sem distrações, com fervor, com perseverança, e que seu crédito diante de Deus é tão grande que, se a experiência de cada dia não estivesse lá para dar testemunho, dificilmente se poderia acreditar.

Temos, portanto, tudo a ganhar, alma cristã, ao trocarmos nossas

orações pelas de nossos irmãos falecidos. E o melhor modo de obter de Deus o que pedimos, é confiando-lhes as nossas causas e oferecendo por eles, com esta intenção, nossas boas obras, o santo sacrifício da Missa, e todas as indulgências que podemos aplicar-lhes. Rezemos, portanto, frequentemente; rezemos muito pelas almas benditas do Purgatório que são cheias de gratidão, e elas pedirão a Deus por nós com eficácia! Elas oferecerão a Deus todos os seus indizíveis sofrimentos. Ó, sim, é uma ocupação santa e salutar pensar nos mortos como diz a escritura: *sancta cogitatio!*

No Céu

O Céu é a pátria do reconhecimento, e as almas por nós libertadas permanecerão ligadas a nós por laços de gratidão eterna. Poderiam elas nos esquecer quando nós as colocamos em posse das riquezas eternas, revestidas de glória e de imortalidade? Quando nós as demos um lugar no banquete do Cordeiro, onde elas poderão enfim comer o pão dos anjos de que sentem fome? Ó, não! Seguramente elas não nos esquecerão jamais: elas pensarão em nós, ficarão atentas às nossas necessidades, velarão por nos como outros anjos da guarda. Do alto de seus tronos, elas lançarão os olhos sobre nossos perigos e nossos males, pedindo a Deus sem cessar para que nos poupe das provações, de afastar de nós todas as tentações e os perigos e unirão suas súplicas às nossas, para fazer uma santa violência ao coração de Deus. Que socorros em nossas necessidades! Que alívio em nossas penas! Que auxiliares preciosos! Em nossa agonia, que consoladores e que apoios! Que advogados poderosos no dia temível do julgamento! E se viermos a cair no Purgatório, essas Almas que tivermos libertado, não virão por sua vez nos visitar, nos consolar, até que tenhamos chegado junto delas, nos esplendores da beatitude eterna?

Meu Deus, quantas vantagens, quantas consolações de todo tipo se encontram na devoção aos fiéis defuntos! Felizes e bem-aventurados são aqueles que rezam pelos mortos. *Tudo o que as damos por*

caridade, diz santo Ambrósio, se converte em graças para nós e, após nossa morte, nós recebemos tudo quanto demos multiplicado por cem.

Exemplo

Uma pessoa piedosa e digna de fé escreveu as seguintes linhas que são uma prova da eficácia das orações das almas do Purgatório.

Eu desejava o reestabelecimento de minha fraca saúde, bem comprometida, e me dirigí à Nossa Senhora de Lourdes, ao menino Jesus e a São José, sem nada obter. Somente depois de ter suplicado às almas do Purgatório que rezassem por mim é que fui atendida. Eu lhes tinha dado até o Natal, prometendo-lhes sufrágios e missas, se nessa época eu pudesse cumprir meus deveres religiosos e retomar minhas ocupações. Benditas e agradecidas sejam essas queridas e bem-amadas protetoras: estou radicalmente curada! Fiquei ansiosa por cumprir tudo o que eu as havia prometido. Vós vedes quanto o bom Deus deseja a libertação das Almas cativas do Purgatório, pois força por assim dizer a recorrer a elas, a rezar por elas, para obter uma multidão de graças que ele quer fazer passar por suas mãos. Quanto a mim, estou convencida desta verdade, pois afirmo que todos os favores que Deus me concede, eu os devo à oração de minhas boas amigas do Purgatório. Tudo o que peço sem elas, não obtenho, e com elas, não desespero de nada, espero mesmo contra toda esperança.

Instrui-vos por este exemplo, alma cristã, e sede convencida de que podereis tudo obter pela intercessão de vossos irmãos falecidos.

Oremos. Ó santas almas do Purgatório, eu rogo ao Senhor Jesus, que morreu por vós, que tenha piedade de vossas dores. Que Ele possa, pela aspersão de Seu sangue, vos refrescar no meio de vossos tormentos! Quanto a vós, almas caridosas, dignai-vos interceder por mim. Vossas orações serão ouvidas, pois estais na graça do Senhor. Pedi, pois, por mim os favores espirituais e temporais que me são mais necessários. Pedi sobretudo que eu tenha uma santa morte e que eu esteja um dia no Céu convosco.

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo dia

Primeiro modo de aliviar as almas do Purgatório: a oração

A oração é um meio fácil

Após termos considerado, nos capítulos anteriores, quais são os motivos que nos compelem a aliviar as almas do Purgatório, nós vamos agora examinar os meios mais eficazes de ajudá-las. O primeiro desses meios é a oração, e este está ao alcance de todos, dos pobres e dos ricos, dos fracos e dos fortes, das crianças pequenas e dos velhos. Ninguém pode alegar nenhum motivo razoável para desculpar-se por não ter rezado. Vós não quereis castigar vosso corpo com o jejum, não quereis abrir vosso bolso para dar esmolas, rezai então! Rezai frequentemente pelos vossos irmãos falecidos, rezai de manhã, rezai ao anoitecer, rezai durante o dia, rezai também à noite. Quem não pode fazer uma oração para pedir-lhes a redução das penas? Quem não pode encontrar em seu coração uma súplica pelo fim de suas incomparáveis misérias? Seríamos capazes de ver sofrer um amigo, um parente, e sabendo que uma boa oração poderia aliviá-lo e torná-lo feliz, seríamos capazes de não fazê-la? Isso seria o cúmulo da indiferença, isso seria a barbárie. Rezai pelos irmãos infelizes! Não

é somente fácil e simples, mas consolador e agradável. É tão doce falar de quem amamos, de se ocupar daqueles que nos são queridos!

Tomai pois a resolução, alma cristã, de não deixar passar um único dia sem rezar pelos vossos parentes queridos que se foram. Oferecei em seu favor toda sorte de dificuldades, sejam as distrações, seja a aridez de vosso coração durante este santo exercício. Ao menos, repeti frequentemente estas curtas invocações: *Doce Jesus, sede-lhes propício! Senhor, dai-lhes o repouso eterno! Meu Deus, que repousem em paz!*

A oração é um meio eficaz

A oração é a chave de ouro que abre o Céu, diz Santo Agostinho, *oratio clavis est cœli*. Mais poderosa que todas as coisas, ela salta do coração do homem, se eleva sobre as asas dos anjos, sobe até o trono de Deus, vai direto ao Seu coração, toca-O, enternece-O, silencia a justiça, e deixa apenas o amor falar. Vencido pela oração, a justiça divina cede, se dobra, perdoa. Então, munida do decreto de perdão, a oração desce do trono de Deus em direção ao abismo, e lá infunde essas pobres almas que esperam a hora da libertação, extingue o fogo vingador que as abrasa e, quebrando para sempre as cadeias de sua prisão, leva-as à liberdade e à felicidade. Eis o que consegue a oração para os mortos. Para ela, não há obstáculos, não há distâncias, não há espera: o Céu se abre diante dela, o abismo se fecha atrás dela. Ela obtém tudo, vence tudo. Santo Tomás assegura que Deus acolhe com mais fervor a oração pelos mortos do que as que Lhe dirigimos pelos vivos.

A Igreja consagrou o salmo *De Profundis* como oração especial para os defuntos, e ela nos incentiva, por seu exemplo, a o recitarmos frequentemente por eles. As palavras desse salmo são, com efeito, muitas vozes que exprimem alternadamente, de maneira viva e tocante, a dor, a resignação, o amor e a esperança das pobres Almas que ardem nas profundezas do abismo. Tomemos a resolução de a

recitar frequentemente, ao menos pela manhã e à noite, ao final de nossa oração habitual.

Exemplo

A ponto de expirar, santa Mônica chamou para perto de si seu filho Agostinho: *Meu filho, eu morro contente. Obtive de Deus o que desejei durante toda a minha vida. Ó, sim, eu morro contente! Meu filho, meu caro Agostinho, quando eu tiver dado meu último suspiro, não se esqueça de mim em suas preces, não se esqueça no altar daquela que foi duplamente sua mãe. Lembre-se todos os dias da alma de Mônica.* Agostinho, emocionado, não pôde responder senão com suas lágrimas, e sua mãe expirou na alegria do Senhor. Durante os vinte anos que ele viveu ainda, não parou de rezar e de celebrar a santa missa pelo repouso daquela que tanto o amou. Ele fez mais: pediu imediatamente a todos os padres de seu conhecimento, e também a todos aqueles que lerão suas obras no decorrer dos séculos, de se lembrarem, no santo altar, de Mônica, sua mãe, a fim de que esta multidão de súplicas lhe abra a porta do Céu.

Alma cristã, a exemplo de Santo Agostinho, rezemos bastante, rezemos sem cessar e sempre pelos nossos queridos falecidos. E se tivermos a infelicidade de perdermos nossa mãe, não a esqueçamos jamais!

Oremos. Senhor Jesus — que dissestes "Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á.-- eu vos rogo, eu vos imploro, pelas entranhas de vossa divina misericórdia, tende piedade das pobres almas que gemem no Purgatório. Não rejeiteis, ó doce e terno Salvador, minhas orações. Escutai meus lamentos e abri aos meus amigos, aos meus parentes desafortunados, as portas da morada celeste. Que a luz que não se apaga brilhe sobre eles! Que repousem na paz eterna!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo primeiro dia

Segundo modo de aliviar as almas do Purgatório: a esmola

A esmola material

A esmola é uma das virtudes que nos são mais frequentemente e mais intensamente recomendadas no Evangelho. Ela possui, segundo Santo Tomás, um poder de satisfação maior que a oração. Ela também dobra a força de nossas orações e traz a segurança do sucesso. O anjo dizia a Tobias (Tobias 12:8-9): *A esmola salva da morte, é ela que apaga os pecados, ela retira a alma das trevas, faz com que encontre misericórdia diante de Deus e assegura-lhe a vida eterna.*

Há meio mais eficaz para aliviar as almas sofredoras? Quando em seu nome exercemos a caridade, os clamores de gratidão dos pobres sobem em direção a Deus e triunfam sobre tudo diante dele. É um doce orvalho que cai nas chamas do Purgatório e amenizam seus ardores. Que pensamento admirável e consolador! A esmola que dá o pão quotidiano a um miserável deste mundo, dá talvez a uma alma um lugar eterno, à mesa do Senhor, no Céu. Sejam, portanto, misericordiosos o mais que pudermos. Se temos muito, demos muito; se temos pouco, demos pouco, mas demos de bom coração. Diz o

Salmista (Sal 41:1-3): *Feliz é aquele que se importa com os pobres! Em tempos de aflição, o Senhor o livra! O Senhor o protege e lhe conserva a vida. Ele o faz prosperar na terra e o livra de seus inimigos. O Senhor cuida dele quando fica doente e lhe restaura a saúde.*

Mãos à obra pois, alma cristã, socorrei os aflitos da terra e aliviareis, ao mesmo tempo, aqueles que choram para além do túmulo. Colocai o óbolo da viúva na mão do pobre. Ele é o carcereiro do Purgatório. À sua voz as chamas se apagarão, os cárceres se abrirão, os cativos se tornarão livres.

A esmola espiritual

Se os bens nos faltam, se o dinheiro é pouco, podemos ainda fazer a esmola espiritual que faz bem à alma e ao coração, e que supera a esmola material, segundo Santo Tomás, como a alma supera o corpo. As misérias espirituais são muito mais numerosas e mais deploráveis que as misérias corporais. Ora, a divina bondade permite que apliquemos aos nossos queridos irmãos do Purgatório os méritos que podemos obter por meio deste gênero de esmola. Portanto, por eles, cuidemos dos pobres doentes; por eles, velemos à cabeceira dos agonizantes; por eles, visitemos os prisioneiros; por eles, protejamos os órfãos; por eles, consolemos as viúvas; por eles, enxuguemos as lágrimas daqueles que choram; e que, assim, nossa caridade, diminuindo os sofrimentos deste mundo, que é também um Purgatório, suavize e abrevie para nossos irmãos mortos o Purgatório da outra vida!

O que é, portanto, que pode nos deter quando se trata do alívio e da libertação dessas almas queridas? O que pode nos servir de desculpas se nós as esquecemos, quando nos é tão fácil ajudá-las? E quem virá um dia em nosso auxílio, se não fizermos nada pelos outros?

Exemplo

Uma viúva tinha um filho único que amava muito. Um dia em que este se divertia com os outros jovens de sua idade, um estrangeiro passou e começou a perturbá-los em suas brincadeiras. O filho da viúva o repreendeu duramente. Então, o estrangeiro colérico tirou seu punhal e enfiou-lhe no coração e, deixando o infeliz estrebuchando no chão, fugiu. Com o instrumento de seu crime na mão, refugiou-se na primeira casa que encontrou aberta. Ele suplicou à dona da casa que o escondesse pelo amor de Deus. Que surpresa! Era precisamente a mãe do jovem assassinado. Ela consentiu. Os policiais, que estavam à procura do assassino, entraram na casa e, não o encontrando, um deles disse à mulher: *Sem dúvida não sabeis que vosso filho morreu, pois se soubesses não deixaria sair livre o culpado que certamente está aqui.* Pouco faltou para que a pobre mãe morresse de dor ao saber desta notícia fatal. Mas, recobrando em seguida toda a sua coragem e toda a sua caridade, disse ao culpado: *Infeliz, você matou meu filho, que era meu único apoio, a esperança de minha velhice. Eu poderia entregá-lo à polícia, que o executaria por certo. Eu prefiro, por caridade, pagar-lhe o mal com o bem. Eu o esconderei em minha casa, vou pedir misericórdia à justiça por você, vou adotá-lo por meu filho, e espero que por isso Deus abra o Céu a meu querido filho.*

Poucos dias depois, o filho que havia morrido apareceu a sua mãe: *Enxugai vossas lágrimas, disse ele, e rejubilai-vos, pois vós me salvastes. Eu deveria passar um longo tempo no Purgatório, mas vós me tirastes de lá por sua generosidade, pela misericórdia que dirigiu àquele que me tirou a vida. Consolai-vos, ó minha mãe, estou subindo ao Céu!* E a pobre viúva deu um doce suspiro. Ó poder da caridade, ó poder da esmola!

Oremos. Cheio de fé em Vossas palavras, ó meu Salvador, eu verei daqui em diante somente a Vossa pessoa adorável escondida nos indigentes que me pedem piedade. Darei com respeito a minha esmola a mão que me estendem, pensando que é a Vós mesmo que dou. Mas, ó meu Deus, minha caridade não se limitará apenas aos

viventes. Quero que ela se estenda também aos mortos, e que o que eu fizer pelos pobres da terra sirva aos pobres do Purgatório e atraia sobre eles a chuva de vossa misericórdia. Doce Jesus, dai-lhes o repouso eterno!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo segundo dia

Terceiro modo de aliviar as almas do Purgatório: a Santa Comunhão

Comunhão sacramental

Quando temos a felicidade de comungar, nós nos unimos a Jesus Cristo de uma maneira tão íntima, que cada um de nós poderia exclamar como o grande apóstolo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*. Então nossa carne se torna Sua própria carne, Seu coração se faz palpar no nosso, Seu Sangue corre em nossas veias, Sua divindade reside em nós: somos outros Cristos! Ó, nestes felicíssimos momentos, invejados pelos anjos, como nos é fácil falar com Deus sem o ruído das palavras, e de dizer-lhe cheios de confiança: *Ó Deus, protetor dos aflitos, olhai para mim e vereis a face de vosso Cristo. Respice in faciem Christi tui. Não sou mais eu que falo e que peço, é Jesus, vosso próprio filho, que fala e que pede por mim. É ele que roga por mim a libertação de meu pai, de minha mãe, a libertação dessas pobres almas abandonadas. Tenho certeza, ó Pai de misericórdia, que não rejeitareis estas justas súplicas, pois o rosto,*

as orações, as lágrimas, o Sangue de Jesus Cristo têm uma voz toda poderosa para apaziguar vossa justiça e obter o perdão!

Comunguemos, portanto, alma cristã, comunguemos frequentemente por essas almas tão amadas que não têm mais a felicidade de participar do banquete Eucarístico. Ó, com que fervor, com que santa impaciência, elas esperam que nós espalhem sobre elas o orvalho refrescante e libertador do Sangue de Jesus Cristo. Em breve — como esse pensamento é consolador — muito em breve, a comunhão eterna começará para eles, e eles contemplarão no Céu o Salvador eucarístico, que é o Deus das recompensas.

Comunhão espiritual

Se não podeis, alma cristã, fazer frequentemente a comunhão sacramental, ou seja, receber realmente a Jesus Eucarístico, fazei ao menos a comunhão espiritual. Ela consiste de um desejo ardente de se unir ao divino Salvador e de receber seu espírito e suas graças. É uma pratica muito proveitosa tanto para os viventes quanto para os mortos. Santo Afonso de Ligório chega ao ponto de dizer que podemos obter mais frutos da comunhão espiritual feita com fervor que da comunhão sacramental feita com tibieza. Também há a vantagem de que podemos fazê-la todos os dias, em qualquer momento do dia e da noite, e em qualquer lugar, seja profano ou sagrado. Não é um meio simples, fácil e poderoso de aliviarmos nossos queridos irmãos falecidos?

Fazei, portanto, alma cristã, a comunhão espiritual a cada visita ao Santíssimo Sacramento. Eis a fórmula que podeis empregar: *Meu Jesus! Eu creio que estais presente aqui. Eu Vos amo, eu Vos desejo, eu me uno a Vós em espírito, de coração, esperando que eu possa vos receber realmente. Abençoi-me! Abençoi também as almas do Purgatório que sofrem tanto. Sim, Senhor, chamai Vossos filhos e nosso irmãos ao repouso eterno. Que a luz que não se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz! Requiem æternam dona eis, Domine!*

Exemplo

O Venerável Luis de Bois, célebre mestre da vida espiritual e homem de notável sabedoria, conta que um devoto servo de Deus, que ele conhecia e amava, foi visitado por uma alma do Purgatório, e que esta o fez contemplar todos os tormentos que padecia. Ela foi punida por ter recebido a divina Eucaristia com uma preparação insuficiente e muita tibieza. Por isso, tinha sido condenada ao suplício de um fogo devorador que a consumia. Ela disse: *Eu vos imploro, vós que fostes meu amigo íntimo e fiel, e que ainda o é; eu vos imploro que comungueis uma vez em meu nome, com todo amor e devoção de que sois capaz. Tenho confiança de que essa comunhão fervorosa será suficiente para me libertar do Purgatório, e que por meio dela serão reparadas minhas culpáveis friezas.*

O homem se apressou em assistir à missa e em comungar piedosamente pelo repouso da alma conhecida. Após a ação de graças, a alma apareceu-lhe novamente, cercada de um brilho incomparável, feliz e cheia de gratidão: *Sejais bendito, ó meu melhor amigo! Vossa comunhão me libertou e eu verei meu adorável Mestre face a face!*

Convém agora lembrar o conselho de São Boaventura: *Que a caridade vos leve à comungar frequente e piedosamente, pois não há nada mais eficaz para o repouso eterno dos defuntos.*

Oremos. Vós retendes, ó meu Deus, as almas de meus próximos em Vossa justiça. Mas vos quereis que, ao comer o Pão dos Anjos, eu possa abrir-lhes as portas do paraíso. Sejais bendito, Pai misericordioso, e recebi a promessa que Vos faço hoje de comungar frequentemente em favor dessas santas almas do Purgatório, afim de que não vejais mais em mim senão o Vosso Filho. Que minha voz, transformada na Sua, Vos alcance e me obtenha mais seguramente a graça que Vos peço. Ó Jesus, sede-lhes propício! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo terceiro dia

Quarto modo de aliviar as almas do Purgatório: o Santo Sacrifício da Missa

É oferecido por Jesus Cristo

De todos os modos que nós temos indicado até agora para aliviar as almas do Purgatório, nenhum é mais poderoso e nem mais eficaz que o Santo Sacrifício da Missa: é um artigo muito consolador da nossa fé. A razão disso é que toda a eficácia do divino sacrifício vem do fato de que ele é oferecido na pessoa e no nome de Jesus Cristo. No altar tem-se, como no Calvário, a mesma vítima, o mesmo sacerdote e, por consequência, a mesma eficácia. Ali, Jesus oferece a seu Pai tudo o que ele é e tudo o que ele tem. Ele oferece toda a Igreja militante e toda a Igreja padecente. Ó, que alegria neste reino de lágrimas, que alegria para estas almas vítimas da justiça divina, quando Jesus de algum modo as abraça e as oferece todas a seu Pai! E o Pai recebe a oblação do Filho. Por entre as chamas expiatórias, Ele reconhece os traços desse Filho adorável, que as almas carregam mesmo em sua desgraça, e Ele concede o perdão em consideração

dos méritos desse Cordeiro sem mancha. Como é possível que em um momento tão solene não sejam libertadas todas essas almas? Não sabemos, não podemos perscrutar os segredos da infinita justiça e santidade de Deus, mas é certo que todas são aliviadas. Um santo doutor afirma que, após cada missa, todos os dias, muitos cativos saem do Purgatório e voam em direção ao Paraíso. Em Roma, em um mosteiro, podemos apreciar uma pintura que representa São Bernardo celebrando a missa, e as almas que saem do Purgatório e sobem ao Céu. Como é belo! E como podemos pensar tão pouco nessas grandes maravilhas?

A maior parte das famílias cristãs, faz celebrar um serviço solene pelos pais e amigos defuntos, não somente por ocasião da morte, mas ao fim de cada ano. Tendes cumprido esse piedoso dever, alma cristã? Mandastes celebrar a missa de aniversário de morte de vosso pai, de vossa mãe, de vossos irmãos?

Nós o oferecemos com Ele

Se vossos recursos não vos permitem fazer celebrar frequentemente o santo sacrifício em nome dos falecidos, não vos esqueçais, almas cristãs, que podeis oferecer vós mesmas, de uma certa maneira, ao assistir a missa com devoção, unindo vossas orações àquelas do padre, àquelas de Nosso Senhor. Sim, quando estais ali, junto ao altar, vós dispondes dos méritos do Cordeiro sem mancha; podeis aplicá-los a todos aqueles que vos são queridos e, tal como Maria e José dirigiam os atos e os passos do Menino Deus, vós exerceis uma autoridade sobre Jesus eucarístico: vós vos tornais o senhor, o distribuidor dos seus méritos. Podeis, portanto, tomar o seu divino Sangue e derramá-lo abundantemente sobre as almas benditas do Purgatório. Podeis aplicar-lhes o fruto do sacrifício, e também a parte que vos cabe por direito, de todas as missas que se celebram no mundo inteiro. Trata-se de um tesouro imenso no qual não pensamos o suficiente; um tesouro com o qual podemos pagar o resgate dos nossos pais e

dos nossos amigos que gemem no triste lugar do cativeiro e abrir-lhes a porta do Céu.

Ah! Como seríamos culpados de negligenciar um meio tão fácil e tão eficaz de colocar um fim aos tormentos dessas queridas almas que nos pedem, pelas entranhas do Salvador, que pensemos frequentemente nelas durante o Santo Sacrifício.

Exemplo

O santo Cura d'Ars contava um dia, na catequese dirigida aos paroquianos, a seguinte história.

Meus filhos, um bom sacerdote tivera a infelicidade de perder um amigo a quem estimava ternamente; por isso, rezava muito pelo repouso de sua alma. Um dia, Deus fez-lhe saber que ele estava no Purgatório e que sofria ali horivelmente. Esse santo sacerdote não julgou poder fazer nada melhor do que oferecer o santo Sacrifício da Missa pelo seu querido amigo falecido. Quando chegou o momento da consagração, tomou a Hóstia entre os dedos e disse:

Pai santo e eterno, façamos uma troca. Vós tendes a alma do meu amigo que está no Purgatório, e eu tenho o Corpo do Vosso Filho que está entre as minhas mãos. Pois bem, Pai bom e misericordioso, libertai o meu amigo, e eu Vos ofereço o Vosso Filho com todos os méritos da sua morte e da sua Paixão.

O seu pedido foi atendido. Com efeito, no momento da ação de graças, viu a alma do seu amigo, toda radiante de glória, subir ao Céu. Deus aceitara a troca. Pois bem, meus filhos, acrescentava o Cura d'Ars, quando queremos livrar do Purgatório uma alma que nos é cara, façamos o

mesmo. Ofereçamos a Deus, pelo santo Sacrifício, o Seu Filho bem-amado com todos os méritos da Sua morte e da Sua Paixão; Ele nada nos poderá recusar.

Sigamos, alma cristã, o conselho do santo Cura d'Ars. Façamos oferecer o santo Sacrifício da Missa pelos nossos parentes defuntos e eles serão aliviados, libertados.

Oremos. Por mais culpadas que vos pareçam as almas do Purgatório, Vós Vos deixareis apaziguar, ó Deus de misericórdia, e Vós os perdoareis ao ver o precioso Sangue de Vosso Filho derramado cada dia sobre o altar, para os lavar de suas impurezas. Sim, escutareis a voz desse Sangue adorável, que não grita para pedir vingança, mas graça e misericórdia. Ó Jesus, Cordeiro sem mancha, que tirais o pecado do mundo, sede propício aos meus irmãos falecidos. Que eles sejam libertados da prisão e que repousem em paz diante de Vós!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo quarto dia

Quinto modo de aliviar as almas do Purgatório: o sofrimento

Sufrimento voluntário

Alivie as almas do Purgatório, diz São João Crisóstomo, alivie as por tudo o que sofremos, pois Deus se encarrega de aplicar aos mortos os méritos dos vivos. O sofrimento é a grande satisfação que o Senhor pede às almas cujo amor é devedor de sua justiça. Portanto, sofram por elas afim de que sofram menos. Ó, se tivéssemos uma fé mais firme, uma caridade mais viva, que mortificações não nos imporíamos para aliviar e libertar os familiares, os amigos que tanto nos amaram, e que sofrem agora de uma maneira tão horrível? A penitência, o jejum, as austeridades, seriam nossas práticas corriqueiras. Tenhamos ao menos a coragem de realizar alguns sacrifícios leves: privar-se de um prazer, evitar uma afeição perigosa, cessar más leituras, maus hábitos, renunciar objetos de luxo e de pura vaidade. Dizia o padre Félix: *Escolhei a melhor vítima! Escolhei-a sobretudo no fundo de vossos corações. Por aqueles que vós mais amais, sacrificai o*

que tendes de mais caro; sacrificai-vos a vós mesmos, e que o preço do sacrifício pessoal possa se tornar o fim do sofrimento de nossos queridos falecidos.

Ah! Eu as vejo — essas almas bem-aventuradas — eu as vejo subir para o Céu sobre as asas de nossos sacrifícios, de nossas austeridades, de nossos sofrimentos. Elas voam triunfantes e nos agradecem pela nossa generosidade. E quando estiverem na glória, elas nos devolverão abundantemente o que tivermos feito por elas. Que motivo de consolo e de esperança! Ó meu Deus! Ó Jesus crucificado! Fazei-nos compreender o valor do sofrimento.

Sufrimento involuntário

Se nos falta coragem para o sofrimento voluntário, a Providência Divina nos impõe sofrimentos mais meritórios para nós e para os mortos, porque não são escolhidos por nós. São as aflições, as dores do espírito, do coração e do corpo, inevitáveis neste mundo. Infelizmente, as encontramos em todo lugar, em todos os estados de vida, em todas as condições. Nossa vida na terra é um combate diário, um longo e sofrido martírio. Devemos nós reclamar? Não, pois todas as nossas dores podem se tornar um meio de salvação para nós e para os outros; e podemos nos servir delas para diminuir as mais cruéis de todas as dores: aquelas a que são submetidas as almas do Purgatório. Sim, com as cruzes que a Providência coloca em nossos ombros, com os espinhos que cravam nossos corações, com uma lágrima, com um suspiro, com um ato de resignação, nos podemos amenizar as grandes misérias do além-túmulo e secar as lágrimas de nossos conhecidos que passaram.

Coragem, pois, alma cristã, suportemos um pouco de frio, e refrescaremos as vítimas que queimam no meio do fogo da cólera divina. Soframos um pouco de calor, e trocaremos os ardores desse fogo em um suave orvalho. Suportemos um incômodo, e arrancaremos almas do mais profundo abismo. Aceitemos um cansaço, e as

levaremos sobre tronos de glória no Céu. Para nós, um momento de dor; para elas, uma eternidade de felicidade!

Exemplo

Um doente, conta Santo Antonino, estava sofrendo terrivelmente e pedia a Deus, com lágrimas, a cura de seus males. Um anjo lhe apareceu e disse: *O Senhor me enviou a vós, para dar-lhe a escolha entre um ano de sofrimento na terra, ou um dia no Purgatório.* O doente não hesitou: *Um dia no Purgatório! Pelo menos terminarão minhas dores.* Ele expirou imediatamente, e sua alma foi precipitada no abismo de expiação. Então o anjo compassivo foi até ele para o consolar. Quando viu o anjo, o miserável solta um grito lancinante, semelhante ao rugido do inferno, e exclama: *Anjo sedutor, vós me enganastes! Vós me assegurastes que eu não ficaria mais que um dia no purgatório, e eis que há mais de vinte anos que eu estou aqui nos mais horríveis suplícios!* — *Pobre infeliz,* respondeu o anjo, *está errado. O rigor de seus tormentos o faz exagerar a duração, e sentir como um século o que não passa de um instante. Não se engane, apenas alguns minutos se passaram desde que morreu, e seu cadáver ainda não esfriou no leito de morte.* — *Então, consiga que eu retorne à terra para ali sofrer, durante um ano, tudo o que Deus quiser.* Seu pedido foi atendido. O doente exortava todos os que vinham vê-lo a aceitar de bom coração todas as penas deste mundo, em vez de se exporem aos tormentos do outro. *A paciência nas dores,* dizia ele frequentemente, *é a chave de ouro do Paraíso.* Aproveitemos, portanto, para nós mesmos e para as almas do Purgatório, os sofrimentos que a Providência julgar apropriado nos enviar.

Oremos. Sejais bendito, ó meu Deus, que desejastes que os sofrimentos e as dores incessantes de minha vida se tornem para mim uma abundantes fonte de méritos, e um meio de satisfazer à vossa justiça pelas almas que me são queridas. De agora em diante, em vez de me queixar do peso das minhas cruzes, eu as

suportarei com paciência e resignação, e vós lançareis sobre mim e sobre meus parentes falecidos um olhar de misericórdia. Ó Jesus, sede-lhes propício! Chamai para perto de Vós os vossos filhos, nossos irmãos! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo quinto dia

Sexto modo de aliviar as almas do Purgatório: a Via Sacra

É o caminho do Céu para os vivos

Considerai que essa tocante devoção, tão venerável pela santidade de sua origem, tão grande pelas lembranças que ela evoca, tão preciosa pelas vantagens que ela traz, é o meio mais eficaz para ganhar a vitória sobre nossas paixões, e o caminho mais seguro para chegar rapidamente ao cume da perfeição. O horror do pecado, que causou a Jesus Cristo tantas dores, o medo de cometê-los para não renovar os sofrimentos de Sua Paixão, o espírito de sacrifício e de penitência para nos tornarmos semelhantes a Ele, o zelo pela salvação das almas que Lhe custaram tão caro, o amor da humildade e da abjeção, o perdão às injúrias, a paciência nas provações da vida, a renúncia de tudo, cujo exemplo Ele mesmo nos deu: eis o que encontramos a cada passo da via dolorosa. Há algo mais consolador e edificante? *Se quiserdes*, diz São Boaventura, *crescer de virtude em virtude, atrair graças sobre graças, e tornar-vos semelhantes, não somente aos anjos, mas ao próprio Deus, dedikai-vos frequentemente a esse santo exercício.* Ó caminho precioso da cruz, vós sempre sereis minha grande alegria,

e vos tornareis para mim o caminho real que conduz ao Paraíso.

E vós, alma cristã, quereis tornar-vos cada vez mais justa e cada vez mais santa? Não posso vos recomendar um método mais rápido e mais seguro para avançar na virtude e para tornar-vos semelhante à imagem do Filho de Deus do que estudar as divinas lições que nos são mostradas no caminho do Calvário. Sim, fazei frequentemente o santo exercício da Via Sacra, a exemplo da Santa Virgem, dos primeiros discípulos do Salvador e de uma multidão de santos, e vos asseguro que vos sentireis cada vez melhor, mais cristã, mais próxima do Céu.

É o caminho do Céu para os mortos

A Via Sacra é também uma prática muito proveitosa aos nossos queridos falecidos. Ao seguir o divino Crucificado no caminho doloroso até o cume do Calvário, nós recolhemos algumas das gotas de Seu precioso sangue, alguns dos méritos de Seu doloroso martírio e nós os oferecemos à justiça de Deus para pagar a dívida das almas cativas. Também, a cada estação, parece-nos que escutamos um suspiro do além-túmulo, um suspiro de alegria, de alívio. Este santo exercício é, sobretudo, proveitoso aos mortos por causa das preciosas indulgências que lhe são associadas e que são todas aplicáveis aos defuntos. Elas são tão extensas e tão numerosas que nós não podemos precisá-las e, como ensina Bento XIV, para tirar proveito delas, basta estar em estado de graça, sem a necessidade da confissão e da comunhão. Além disso, podemos completar esse piedoso exercício varias vezes no mesmo dia.

Se, portanto, desejais aliviar e libertar muitas almas do Purgatório, praticai por elas essa devoção tão bem recomendada. Vós encontrareis sobre essa via dolorosa, consagrada pelos sofrimentos e pela morte de Jesus Cristo, a consolação de que vosso coração necessita para suportar a perda das pessoas por quem ainda chorais e o meio de lhes abrir o Céu. Que tesouro para vós e para vossos queridos ausentes!

Tomai hoje, portanto, a resolução de fazer a Via Sacra toda semana, à sexta-feira, dia memorável, como prova de vossa gratidão.

Exemplo

Os exercícios de uma missão eram ministrados numa pequena paróquia. Os fiéis vinham em multidão ouvir a palavra de Deus e solicitar Seu perdão. Três homens apenas recusavam-se obstinadamente a participar das pregações. Eles haviam prometido mutuamente que nunca colocariam os pés na igreja e, sobretudo, que nunca se confessariam. A mulher de um deles veio procurar o missionário e confiar-lhe suas mágoas. Perguntou-lhe o homem de Deus: *Tendes filhos?* — *Tenho dois, ainda jovens.* — *Pois bem, trouxe-os à igreja, fizeti devotamente com eles a Via Sacra pelas almas mais desamparadas do Purgatório. Pedi, por intermédio dessas santas almas que tiverdes aliviado, a conversão de vosso esposo, e eu vos asseguro que a obtereis, pois a experiência me ensinou que o exercício da Via Sacra é o meio mais eficaz para aliviar nossos defuntos e para obter, por sua intercessão, os auxílios de que necessitamos.* Cada dia, pois, à hora do meio-dia, quando a igreja estava mais vazia, a virtuosa esposa vinha ajoelhar-se ao pé do Tabernáculo com seus dois filhos jovens, e fazia com eles o santo exercício da Via Sacra. A cada estação, a pobre mãe chorava, e as crianças diziam do fundo do coração, estendendo as mãos para a imagem do divino Crucificado: *Ó Jesus, dai o repouso aos mortos e convertei meu pai!* Que espetáculo tocante, digno da admiração do Céu e da terra! Ó, sem dúvida, os anjos do Paraíso recolheram as lágrimas e as orações da mãe e dos filhos, e levaram-nas aos pés do trono da Misericórdia. Então, às vésperas do encerramento da missão, o pecador comovido ajoelhava-se aos pés do sacerdote e, no dia seguinte, recebia alegre, na Mesa santa, ao lado de sua esposa, o Salvador Eucarístico. Após a missa, apertava contra seu coração e abençoava seus dois filhos. Ó Caminho precioso da cruz! Sois útil a todos, mas sobretudo aos pobres pecadores e às almas sofredoras do

Purgatório.

Oremos. Ó Maria, mãe das dores, vós que haveis meditado tão frequentemente no mistério da Paixão de vosso divino Filho, vós que percorrestes primeiro os lugares consagrados por suas dores, ensinai-nos a meditar e a praticar como vós essa santa e proveitosa devoção. Fazei que encontremos nela as graças da conversão para os pecadores, da perseverança para os justos e da consolação para as almas do Purgatório. Doce Jesus, dai a essas almas benditas o repouso eterno!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo sexto dia

Sétimo modo de aliviar as almas do Purgatório: as Indulgências

Como são preciosas

Nossos pecados são tão numerosos e tão graves, nossas reparações tão leves, que dificilmente pagaríamos neste mundo a pena temporal devida por nossas iniquidades, se a Igreja não suprisse à nossa fragilidade abrindo o tesouro das indulgências. Tesouro imenso, inesgotável, que consiste dos méritos superabundantes de Nosso Senhor Jesus Cristo, da bem-aventurada Virgem e dos Santos. A chave desse tesouro foi confiada ao soberano Pontífice. Após a Santa Missa e a Santa Comunhão, não há nada de mais admirável, de mais rico, seja para os vivos ou para os mortos. É, pode-se dizer, o último esforço da misericórdia divina para a salvação das almas. Pelas indulgências que são numerosas, fáceis de se obter, e que estão ao alcance de todos, temos os meios de contentar a justiça divina, de resgatar umas almas que nos são caras e que expiam nas chamas as faltas e os erros de suas vidas passadas. Podemos considerar esse número de

indulgências que a Igreja nos dá com tanta liberalidade como uma chuva maravilhosa que traz frescor aos que têm sede, consolação aos que choram e a felicidade aos cativos. Que invenção admirável do Pai! Que tesouro!

Apressemos-nos, portanto, alma cristã, em adquirir essas riquezas espirituais, mais preciosas que o ouro, mais abundantes e mais acessíveis do que nunca. Procuremos obter muitas indulgências e procuremos obtê-las frequentemente! Como é animador saber que podemos aplicá-las ao pai, à mãe, a um irmão, à alma mais abandonada ou à alma que mais sofre! Elas serão um auxílio para aqueles que amamos! Um socorro para aqueles por quem choramos!

Como é necessário obtê-las

Três condições são necessárias para ganhar as indulgências. Primeiramente, é preciso estar em estado de graça. Deus quer que, antes de socorrer os outros, nós fechemos primeiro o inferno sob nossos pés. Do contrário, todas as obras feitas em estado de pecado mortal são obras mortas e desprovidas de méritos. Em segundo lugar, é preciso ter a intenção, pelo menos de modo geral, de ganhar a indulgência. É, portanto, apropriado renovar a cada dia, na oração da manhã, o desejo de ganhar as indulgências ligadas às práticas de piedade que se podem fazer durante o dia. Em terceiro lugar, enfim, é preciso cumprir integralmente as obras prescritas. Estas são, normalmente, alguns atos muito fáceis de se realizar, que não tomam muito tempo e que estão ao alcance de todos os fiéis: uma oração curta, uma pequena esmola, uma mortificação, uma comunhão...

Por favor, alma cristã, não negligencieis providenciar para os fiéis falecidos tesouros tão fáceis de se conseguir. Seria vossa despreocupação desculpável? Ainda mais nestes tempos em que as indulgências que lhe são aplicáveis estão tão multiplicadas e ao alcance de todos? Sim, depende de vós vir em auxílio aos vossos irmãos sofredores, e vos custa pouco. Se ganhais por eles uma indulgência parcial, abreviareis

o tempo de sua expiação. Se tiverdes a felicidade de obter uma indulgência plenária, a alma à qual a aplicardes ficará provavelmente liberta de toda a sua dívida. O Céu abrir-se-á para ela, e ela voará para lá radiante, levando aos pés do Senhor a gratidão que eternamente consagra ao seu benfeitor. *Meu filho* — dizia São Luís, no fim do seu testamento, como última recomendação — *lembrai-vos de ganhar as indulgências da Igreja.*

Exemplo

Um pregador da ordem de São Francisco acabara de fazer um eloquente sermão sobre a esmola, e havia concedido aos seus ouvintes dez dias de indulgências, segundo o poder que havia recebido do soberano Pontífice, quando uma dama da nobreza, que não tinha conservado de sua antiga classe senão o temor de evitar sua presente miséria, veio falar-lhe em segredo. O bom padre deu-lhe a mesma resposta que outrora São Pedro deu ao coxo de Jerusalém: *Não tenho nem prata, nem ouro; mas o que tenho, eu vos dou.* E continuou: *Renovo-vos a garantia de que ganhastes dez dias de indulgências assistindo à minha pregação esta manhã. Ide, pois, a tal banqueiro, o qual até agora pouco se preocupou com os tesouros espirituais, e ofereci-lhe, em troca da esmola que vos fizer, ceder-lhe o vosso mérito, a fim de que as penas que o aguardam no Purgatório sejam diminuídas. Tenho todas as razões para crer que ele vos dará algum socorro.* A pobre mulher procurou o banqueiro com toda simplicidade e muita boa fé. Deus permitiu que esse homem a acolhesse com bondade. Ele perguntou quanto ela pretendia receber em troca desses dez dias de indulgência. Ela respondeu: *O quanto elas pesarem na balança.* — *Pois bem, eis a balança! Escrevei sobre um pedaço de papel vossos dez dias e colocai num dos pratos; eu coloco sobre o outro uma moeda.* Prodígio! O primeiro prato não subiu, mas ao contrário subiu aquele com o dinheiro. Espantado o banqueiro colocou mais uma moeda, que não mudou em nada o peso. Ele colocou cinco, dez, trinta, cem,

o tanto quanto precisava a senhora em sua presente necessidade. Só então os dois pratos se equilibraram. Esta foi uma lição preciosa para o banqueiro: ele percebeu, enfim, o valor dos interesses celestes. Mas as pobres almas compreendem isso muito melhor: pela mais leve indulgência, elas dariam todo o ouro do mundo! A nós cabe fazer o possível para conseguir-lhes o máximo possível de indulgências.

Oremos. Vós conheceis minha indigência, ó meu Jesus! E no excesso de vossa misericórdia quisestes que eu encontrasse no tesouro de vossos méritos e de vossas satisfações o meio de suprir a tudo que me falta. Cada dia virei buscar, neste tesouro sempre aberto, preciosas indulgências que quitarão a dívida dos meus irmãos falecidos. Ó Jesus, sede-lhes propício! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo sétimo dia

Oitavo modo de aliviar as almas do Purgatório: o ato heroico de caridade

Sua natureza

O ato heroico de caridade em favor das almas do Purgatório é uma doação voluntária do aspecto satisfatório de nossas obras, durante nossa vida, e dos sufrágios que nos serão aplicados após a morte. Nós os depositamos nas mãos de Maria, afim de que essa terna mãe os distribua como for de seu agrado, às almas que ela deseja libertar de suas penas. Em virtude desse ato generoso, feito uma única vez e válido para sempre, para o tempo e para a eternidade, nós nos despojamos somente de nossas obras satisfatórias, que têm por objetivo quitar perante Deus as penas que lhe devemos por nossos pecados, e dos sufrágios que a piedade dos vivos nos oferecerá após nossa morte. Mas conservamos o mérito de nossas ações e seus frutos impetratórios, que alcança de Deus as graças. Por isso, essa doação não impede os padres de oferecerem o Santo Sacrifício por aqueles que lhes pedem, nem os fiéis de rezarem por eles e por seus parentes.

Este voto, se for feito, não obriga sob pena de pecado, e pode-se mudar de intenção assim que se desejar. Chama-se *voto heroico*, porque aquele que o faz de bom coração realiza um ato prodigioso de abnegação: ele parece esquecer-se de si mesmo e sacrificar-se para socorrer aqueles que ele ama até o heroísmo.

Não há fórmula prescrita. É suficiente fazer essa oferta de coração, ou de exprimí-la nestes termos: *Ó Maria, Consoladora dos aflitos, eu vos ofereço e vos dou todas as satisfações associadas às minha boas obras, todos os sufrágios que me acompanharão para além do túmulo. Distribuí-os a vossos filhos desafortunados do Purgatório, particularmente às almas de meus pais, dos meus amigos, de meus benfeitores. Assim seja.*

Suas vantagens

Primeiramente, essa prática é muito útil às almas do Purgatório. Que socorro não recebem todos os dias, a cada instante do dia, de todas nossas obras satisfatórias, e sobretudo daquelas que nos serão aplicadas durante nossa vida, à nossa morte, e após nossa passagem para a eternidade. É um doce e contínuo orvalho de sufrágios e de indulgências que caem sem interrupção sobre as almas abrasadas no lugar de expiação e apaga o fogo que as devora.

Em segundo lugar, essa doação heroica não é menos vantajosa para nós. Deus, que é tão bom, tão liberal, não nos dará o cêntuplo de tudo o que fizemos por esses filhos infelizes? *Dai*, diz Ele (Lucas 6:38), *e vos será dado, e recebereis uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante; porque com a mesma medida com que medirdes os outros, vós também sereis medidos.* A Santíssima Virgem, a quem teremos confiado todos os nossos tesouros espirituais para aliviar seus irmãos e os nossos, não virá ela em nosso socorro? Esse abandono filial não nos dá direito às liberalidades de sua misericórdia? Emfim, não poderemos contar com a gratidão das almas que tivermos aliviado? Assim, é uma crença geral que aquele que fez o voto heroico não tem

muito por que temer o Purgatório. Deus lhe fornecerá o modo de evitá-lo, ou ao menos, não deixará que sofra muito tempo em suas chamas.

Eu vos aconselho, alma cristã, de fazer hoje mesmo o voto de caridade heroico, se não o tiverdes feito ainda. Segui o exemplo de um número muito considerável de personagens ilustres em dignidade, em ciência, em santidade. Segui os conselhos do venerado Pio IX, que recomendava frequentemente o voto heroico e que o enriqueceu com indulgências.

Exemplo

Lemos na vida de Santa Gertrudes que, desde sua mais tenra idade, ela aprendeu a oferecer todas as orações e todas as suas boas obras pela intenção das almas do Purgatório, pelo voto heroico de caridade. Essa prática era tão agradável a Deus, que frequentemente o divino Salvador comprazia-se em lhe encaminhar as Almas mais necessitadas, e estas, libertadas por sua piedosa caridade, mostravam-se depois a ela em meio à glória, e a agradeciam com efusão, prometendo-lhe não esquecê-la no Céu. Gertrudes tinha passado sua vida nesse santo exercício e, cheia de confiança, ela via com calma a morte se aproximar, quando o inimigo infernal veio dizer-lhe que ela havia se despojado de todo o mérito satisfatório de suas boas obras, e que ela iria cair no Purgatório, para ali expiar todas as suas faltas, em longos sofrimentos. Esse tormento do espírito a lançou numa tal desolação, que seu celeste esposo, Nosso Senhor, se dignou vir para a consolar. *Por que, ó Gertrudes, estás triste, tu que há pouco gozavas de uma perfeita serenidade? — Ah! Senhor, em que deplorável situação eu me encontro! Eis que a morte se aproxima, e estou privada da satisfação de minhas boas obras que apliquei às almas do Purgatório: como poderei agora pagar as dívidas que contrai eu mesma para com a vossa justiça? —* O salvador respondeu então com carinho. *Não temas, minha bem-amada, pois tu tens, ao contrário, por tua caridade*

para com os mortos, aumentado a soma de teus méritos satisfatórios, e não somente possuis o bastante para expiar tuas leves faltas, mas adquiriste um grau muito alto de glória na beatitude eterna. É assim que minha clemência reconhecerá, por uma generosa recompensa, tua devoção pelos mortos; e tu virás em breve ao Paraíso receber o cêntuplo de tudo o que fizeste por eles. Como são encorajadoras essas palavras do divino Mestre!

Oremos. Eu vos suplico, ó meu Deus, de aprovar e de confirmar este voto que ofereço pela Vossa glória e pela salvação de minha alma. Eu o ofereço ainda para pagar todas as dívidas das almas do Purgatório que a Santa Virgem quer libertar. Tomo como testemunhas de meu compromisso todos os eleitos da Igreja militante na terra e padecente no Purgatório. Nesta consideração, sede propício, Senhor, àqueles que sofrem no lugar de expiação. Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo oitavo dia

Como podemos evitar o Purgatório

Pensando frequentemente no Purgatório

Considerai que o pensamento do Purgatório dirige naturalmente o nosso espírito ao pensamento da morte e do julgamento, e por isso pode nos inspirar salutares reflexões. *Pensai em vosso fim último*, diz o Espírito Santo, *e não pecareis*. A lembrança do Purgatório também orienta o espírito à penitência e à mortificação. Em vista dessa masmorra tão tenebrosa, de suas correntes tão pesadas, de suas chamas tão vivas e tão penetrantes, de suas angústias tão cruéis e tão longas, em vista de suas inumeráveis vítimas que emitem gritos tão dolorosos, a alma se examina e decide: *Eu vou enfim resolver as contas abertas há tanto tempo com Deus; vou tirar proveito dos dias que Sua misericórdia me concede ainda para satisfazer à Sua justiça; vou quitar as dívidas que me são tão fáceis de pagar com um pouco de generosidade e de amor. Sim eu quero a todo custo evitar os tormentos do Purgatório. Eu posso, eu devo, eu o farei com a minha boa vontade e a graça de Deus.*

Oxalá sempre tivéssemos essa verdade diante dos olhos! É impos-

sível que não nos tornássemos santos e grande santos. A lembrança habitual do Purgatório retirará de nossas vidas uma multidão de faltas leves, nos inspirará à prática das mais sublimes virtudes e, em nossa última hora, nossa alma, purificada pela penitência, enfeitada com méritos, voará em direção às moradas eternas, sem tocar nas chamas do Purgatório. Ó, morte feliz! O belo triunfo! Ó Purgatório, que sublimes lições nos ensinas!

Rezando frequentemente pelas almas do Purgatório

Os padres e os doutores pensam que aqueles que se interessam verdadeiramente pelas almas do Purgatório escaparão dessas chamas ou não ficarão nelas por muito tempo. Porque, dizem eles, a marca mais infalível da predestinação é salvar almas, pois Deus prometeu fazer-nos o mesmo bem que fizemos aos outros. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.* Além disso, não poderemos nós contar com a gratidão das almas que tivermos libertado? Poderiam elas mostrarem-se menos sensíveis e menos caridosas que nós? Na hora da nossa morte e do nosso julgamento, elas virão e estarão lá como protetoras, como testemunhas de defesa, para fazer pender a balança para o lado da misericórdia. Elas frustrarão as armadilhas do espírito infernal, acalmarão por suas constantes súplicas a cólera de nosso Juiz e nos obterão a mais preciosa das graças: uma santa morte. *Eu não me lembro*, diz Santo Agostinho, *de jamais haver lido sobre alguém que rezasse de bom grado pelos defuntos que teve uma morte ruim ou até mesmo duvidosa.*

Que meio quase seguro, alma cristã, de evitar os rigores do Purgatório! Sigamos, portanto, o conselho do Evangelho: façamos amigos, para que no momento da nossa morte, eles nos recebam nas moradas eternas.¹ Nossos irmão falecidos estão agora em necessidade,

¹(Lucas 16:9) *Eu vos digo: fazei-vos amigos com a riqueza injusta, para que, no*

mas com um pouco da nossa ajuda, eles subirão ao Céu e nos abrirão em breve a porta para nós. Sim, libertemo-los do abismo do Purgatório e eles nos impedirão de cair ali. É relatado de Santa Margarida de Cortona, que em sua morte, todas as almas que ela havia libertado vieram recebê-la em triunfo com cantos e louvores.

Exemplo

Conta-se que uma pessoa particularmente devota das almas do Purgatório e que havia dedicado sua vida a aliviá-las, tendo chegado à hora de sua morte, foi atacada com furor pelo demônio que a via a ponto de escapar-lhe. Parecia que todo o abismo conspirava contra ela, as hordas infernais cercavam-na. A moribunda lutava há algum tempo em meio aos mais penosos esforços, quando de repente viu entrar em seu aposento uma multidão de personagens desconhecidos, mas resplandcentes de beleza, que colocaram em fuga o demônio, e aproximando-se de seu leito, dirigiram-lhe exortações e consolações celestes. Exalando então um profundo suspiro e repleta de alegria, disse: *Quem sois vós? Quem sois vós, por favor, vós que me fazeis tanto bem? — Nós somos os habitantes do Céu, que os vossos sufrágios conduziram à bem-aventurança, e viemos agora à nossa vez e por gratidão, vos ajudar a cruzar o limiar da eternidade, vos resgatar deste lugar de angústias, e vos introduzir nas alegrias da Cidade Santa.* Por essas palavras, um sorriso iluminou o rosto da moribunda, seu olhos se fecharam e ela adormeceu na paz do Senhor. Sua alma, branca e pura como uma pombinha, ao se apresentar ao soberano Juiz, encontrou tantos protetores e advogados quantas almas ela havia libertado e, reconhecida digna da glória, ela entrou no Paraíso como em triunfo, no meio de aplausos e de bênçãos de todos aqueles que ela havia tirado do Purgatório. Possamos um dia ter a mesma felicidade!

dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

Oremos. Não permitais, ó meu Deus, que eu afaste de meu espírito, por uma errônea sensibilidade, o salutar pensamento do Purgatório. Gravaí-o profundamente em meu coração, como um poderoso meio de preservar a mim mesmo do Purgatório e de me colocar em movimento, em auxílio das pobres almas que estão ali detidas. Como serei feliz se puder pôr um termo ao seu exílio e abrir-lhes a porta do Céu. Jesus, sede-lhes propício! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Vigésimo nono dia

As aparições

Deus permite às almas voltar à terra?

Um dos amigos de Santo Agostinho, bispo de *Uzalis*¹, fez-lhe um dia esta pergunta: *O que pensar de que se tem visto várias pessoas aparecerem após suas mortes, ir e vir nas casas como faziam antes? O que pensar ainda de que, em alguns lugares, onde há corpos enterrados, escuta-se frequentemente barulho, em uma certa hora da noite?* Eu não estou longe de crer, responde o grande doutor, que esse tipo de aparição sejam frequentes e naturais para os mortos. Pois, se dependesse deles, não teria uma noite em que eu não veria aparecer minha piedosa mãe, ela que, durante sua vida, nunca se separou de mim e que me seguiu, por terra e por mar, até os cantos mais distantes. Mas estou convencido de que o Todo-Poderoso pode permitir e lhes permite aparecer algumas vezes, por razões cheias de sabedoria que nós devemos respeitar: *Per divinam potentiam vivorum rebus intersunt*. Por que Deus não permitiria às almas suplicantes que nos são queridas e que ainda sofrem de nos falar elas mesmas, de nos contar suas dores, de implorar nossa piedade? Com efeito, a Sagrada Escritura, a vida dos santos, a História nos mostram algumas

¹*Uzalis*, atual *El Alia* na Tunísia.

aparições constatadas, em todas as épocas, em todos os países, diante de todo tipo de testemunhas.

Sem dúvida, alma cristã, é preciso tomar cuidado para não acreditar muito facilmente nas pessoas que pensam toda hora ver aparecer e voltar os mortos e que tomam por realidade os vãos fantasmas de uma imaginação exaltada por sua dor ou por suas lembranças. Mas, guardai-vos também de negar a possibilidade das aparições, pois a razão diz que Deus pode autorizá-las, e a experiência demonstra que Ele, de fato, autorizou-as mais de uma vez. Elas são raras, mas são possíveis.

Por que Ele as permite?

A Sagrada Escritura nos ensina que Samuel, após sua morte, apareceu a Saul para dirigir-lhe justas e duras reprimendas. Para mim, não tenho medo de dizer em voz alta que uma das razões mais fortes para que Deus conceda aos mortos uma permissão semelhante é, sem dúvida, a ingratidão daqueles que os esquecem sobre a terra e que, ocupando-se somente de se enriquecer usufruindo de seus despojos, deixam-nos sofrer indefinidamente no Purgatório, sem pensar em aliviá-los e em libertá-los. Também, essas pobres almas aparecem normalmente aos vivos sob uma forma e em uma atitude que levam à piedade e à compaixão. Frequentemente seus rostos estão tristes, estão rodeados por chamas, soltam profundos suspiros, soltam gemidos de dor e repreendem os vivos. Às vezes, elas revelam sua presença por um ruído forte, por símbolos extraordinários: é sempre um sinal material que nos espanta e evoca sua lembrança, nos impelindo a rezar com mais fervor por sua libertação.

Bendito seja Deus que se serve de todos os meios possíveis para nos chamar ao grande dever da caridade e da gratidão aos nossos irmãos os mortos! Benditas sejam as boas almas do Purgatório, que cruzam os muros de sua prisão e voltam sobre a terra para dizer a nós, que os esquecemos tanto: tende piedade de nós!

Exemplo

Um jovem, vindo de uma família honrável e cristã, fiel às suas práticas de piedade, não se preocupava muito em socorrer as almas do Purgatório. Ele não rezava nunca, ou quase nunca, por seus parentes falecidos. Não só ele não praticava essa salutar devoção, mas dissuadia os outros de a praticarem, sob o pretexto de que deveriam empregar melhor a caridade. Por que, dizia ele, ocupar-se tanto do destino dos falecidos, já que eles têm assegurada a salvação e que não podem nem ofender a Deus, nem o perder? Ele também não acreditava nas aparições, que ele frequentemente ridicularizava. Para corrigi-lo, Deus permitiu a essas Almas aflitas saírem de sua prisão e aparecerem sob formas assustadoras àquele que lhes causava tão grande dano. Elas o assediaram em todo lugar e a toda hora, soltando gritos dilacerantes, enchendo seus olhos de fantasmas estranhos, gelando sua alma de estupor, não o deixavam repousar nem de dia, nem de noite. Surtiu efeito: o jovem mudou inteiramente de conduta e de opinião. Deixou o mundo, entrou na ordem de São Domingos, e tornou-se padre. Dedicou às Almas do Purgatório uma devoção toda especial. Ofereceu por elas tantas orações e tantas missas, pregou tão frequentemente e tão eloquentemente em seu favor, inspirou em tantos corações o desejo de aliviá-las, que o chamavam vulgarmente de advogado dos mortos. Ele o era de fato. Jamais se ouviram razões tão fortes, tão convincentes, tão numerosas, quanto as que saíam de sua boca, para provar que a caridade mais eminente que se pode exercer neste mundo, para com o próximo, é rezar pelos defuntos. Morreu em odor de santidade e sua alma sem dúvida voou ao Céu, perto daquelas que ele mesmo havia libertado por seus sufrágios. Imitemos tão belo exemplo de caridade.

Oremos. Meu Deus, creio que sois todo-poderoso e sumamente bom para nos enviar, quando julgais apropriado, mensageiros extraordinários, a fim de nos lembrar a memória e as necessidades dos fiéis da Igreja padecente. Vós nos provais assim o quanto desejais que venhamos em seu auxílio. Ó Jesus, sede-lhes propício! Senhor,

chamai vossos filhos e nossos irmãos à morada eterna! Que a luz que não se apaga brilhe sobre eles! Que descansem em paz!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Trigésimo dia

As últimas vontades dos falecidos

É preciso executá-las fielmente

Se alguma coisa obriga sobre a terra e deve ser respeitada, são os últimos desejos dos moribundos: eles são sagrados. O santo Concílio de Trento recomenda aos bispos que velem atentamente pelo cumprimento dos testamentos piedosos, feitos pelos fiéis falecidos. Outros concílios vão mais longe, a ponto de privar da comunhão eclesial aqueles que se apropriam das doações dos moribundos ou que cumprem de modo diferente as suas últimas vontades. Leis tão severas nos fazem compreender o quanto nos tornamos culpados ao privar os defuntos dos sufrágios que em vida quiseram assegurar para si após sua morte. Portanto, infeliz daquele que engorda-se com o que é devido às almas do Purgatório. Eles as privam do alívio que teriam recebido, constituem-se de algum modo seus algozes, e tornam-se responsáveis por seus sofrimentos diante de Deus. Ah! Se o mundo os absolve desse roubo sacrílego, se o mundo não se scandaliza com esse desprezo, Deus não os absolverá assim facilmente. E o dia virá em que Ele pedirá uma conta rigorosa dessas injustiças que eles nem

sequer julgam serem censuráveis. Serão provavelmente punidos, já neste mundo, por castigos temporais, e quem pode calcular quão longas e rigorosas serão as penas que terão de suportar no outro mundo?

Alma cristã, refleti! Vosso pais, vossos amigos, vossos benfeitores, não fizeram eles piedosas recomendações ao morrerem? Não pediram eles com a própria voz ou em testamento, orações, missas, esmolas? Não ao menos suplicaram, com lágrimas, que vos lembrásseis sempre deles diante do Senhor? Pois bem! Fizestes jus à confiança que em vós depositaram? Tendes cumprido plenamente e conscientemente todas as obrigações que eles vos deixaram? Ah! Se vós não as tendes feito, apressai-vos a quitar esse débito sagrado de justiça.

É preciso executá-las logo

Não é somente preciso cumprir com fidelidade as últimas vontades dos falecido, mas devemos fazê-lo tão logo quanto possível, afim de não privarmos essas queridas almas do alívio que podem receber quando as atendemos. Seja através das missas que serão celebradas em sua intenção, seja através das orações dos pobres. Sim, quando entregamos aos pobres as esmolas que lhes foram deixadas pelos falecidos, devemos sempre pedir-lhes que rezem por seus benfeitores. Cada dia de atraso é uma falta de que somos responsáveis e que soma ao suplício dos mortos. Ah! Se compreendêssemos como são terríveis os sofrimentos no Purgatório, em vez de mudar ou postergar o cumprimento daquilo que poderia diminuí-los, nós nos apressaríamos em trazer os remédios prontos e eficazes a essas almas benditas, tão dignas de nossa compaixão. Ai de nós! quantos herdeiros inescrupulosos têm graves censuras a fazer a si mesmos, por causa de sua negligência em cumprir os compromissos sagrados que contraíram para com seus pais falecidos.

Instruí-vos, alma cristã, e não entregais senão a pessoas de confiança o cuidado de executar vossos últimos pedidos. Depositai

nas mão mais confiáveis o montante que vós quereis destinar às boas obras ou a que se faça celebrar missas pela vossa libertação, depois que morreredes. É o meio mais seguro de que seus últimos desejos sejam cumpridos, a menos que tendes a felicidade de pertencer a uma dessas famílias cristãs que, junto com a fé, conservaram o respeito devido à memória dos mortos.

Exemplo

Eis aqui um relato que mostra até que ponto são punidos, às vezes, aqueles que não executam as últimas vontades dos moribundos. Conta-se nos Feitos de Carlos Magno que um valente capitão, cuja bravura todos elogiavam, chegara ao fim de sua vida. Ele então chamou um de seus parentes, a quem tinha ajudado muitas vezes, e disse-lhe. *Passei sessenta anos a serviço de meu rei, sem jamais adquirir outra coisa além de meu soldo habitual. Ao morrer, resta-me apenas meu fiel cavalo que me prestou tantos serviços. Quando eu tiver dado o último suspiro, to o venderás e darás o dinheiro aos pobres para o alívio de minha alma.* O parente prometeu. Mas, quando o capitão entregou sua alma a Deus, este homem, seduzido pela beleza e pelas qualidades do animal, guardou-o para si, sem dar aos pobres a esmola combinada. Mal tinha se passado meio ano, quando a alma do defunto apareceu a este parente egoísta, tão infiel à sua promessa e disse-lhe. *Infeliz, tu não executaste minhas últimas vontades, tu não cumpriste teus compromissos. Assim, tu és a causa de todos os tormentos que tenho sofrido, pois minha esmola me teria poupado deles. Pois bem, saiba que tua conduta será punida com uma morte rápida, e que um castigo muito particular te está reservado: tu carregarás a pena devida a tuas próprias faltas, e tu sofrerás em meu lugar todas aquelas que eu deveria ainda sofrer para satisfazer a justiça divina.* O culpado ficou esmagado por esta ameaça e, querendo pôr ordem em sua consciência, apressou-se em cumprir as últimas vontades do defunto, depois fez tudo o que pôde para evitar a morte eterna, mas

não pôde evitar a morte do corpo que lhe tinha sido anunciada, e que o levou poucos dias depois. Tanto é verdade que a injustiça e a ingratidão para com os mortos são detestadas por Deus, que Ele as pune neste mundo e no outro.

Oremos. Não permitais, ó meu Deus, que uma indigna ganância ou uma culpável negligência me faça faltar aos meus deveres de justiça para com os mortos. Seus direitos são sagrados, suas últimas vontades serão igualmente sagradas para mim. Satisfarei plenamente a todas as obrigações que me deixarem, feliz se puder, por minha presteza, por minhas orações, apressar a hora de sua libertação. Jesus misericordioso! Maria, rainha do Purgatório! Sede-lhes propícios, e que repousem na paz do Céu!

Requiescant in pace!

Rezai agora uma dezena do terço e as orações no final deste livro.

Conselhos práticos

Ao terminar este mês bendito, queirais receber, alma cristã, alguns conselhos de amigo, de irmão e de padre. Vós entendereis sem esforço sua utilidade e pertinência.

Primeiro ponto

Podeis contar muito com a gratidão dos mortos, pois os mortos, dizia São Francisco de Sales, são sempre gratos pelo que lhes é feito; mas conteis pouco, muito pouco, com a gratidão dos vivos, sobretudo se forem vossos próprios filhos. Vossos herdeiros! Provavelmente vos farão belos funerais, talvez vos darão um túmulo, um mausoléu que dirá mais sobre sua vaidade do que sobre sua piedade filial e religiosa; mas economizarão tanto mais com a Igreja quanto mais tiverem sido pródigos no cemitério.

Vossos herdeiros! Eles estarão talvez — infelizmente — mais ávidos por disputar vossa herança e por usufruir dela do que por realizar vossos últimos desejos e vos tirar do Purgatório. Não sabeis que os homens, quando perdem alguém de vista muito em breve perdem também sua lembrança? O que os olhos não vêem, o coração não sente. O poeta disse:

Sobre as asas do tempo, a tristeza voa.

Não sabeis que o esquecimento dos mortos abrange quase todo o mundo, e que sua memória finda quase sempre quando os sinos param de bater? Não sabeis que, em matéria de salvação, não se pode confiar em ninguém além de si mesmo? Aproveitai, pois, o conselho do autor da *Imitação*:

Não conte em nada com vossos amigos, nem com vossos próximos, pois eles vos esquecerão mais rápido do que pensais; se agora não vos ocupeis de vós mesmos, quem se ocupará de vós quando tiverdes partido?

Segundo ponto

Se possuíis bens materiais fazei logo o vosso testamento e não deixeis para a última hora. Quem sabe, alma cristã, não sereis surpreendidos por uma morte súbita ou imprevista? Inúmeros casos ratificam este conselho, pois muitos partiram deste mundo sem que tivessem tempo de definir um testamento, e sem que pudessem dar aos seus bens o destino que desejavam. Assim dizia Santo Agostinho:

Eu vos suplico, antes de serdes sobrecarregados pela doença, ocupai-vos de vosso testamento, resolvi os assuntos domésticos, pois se esperardes até o limiar, vos forçarão a fazer sob ameaças ou por lisonjas aquilo que não desejais fazer.

Terceiro ponto

Convém deixar alguns de vosso bens às obras de caridade e da religião. Sobretudo, não vos esqueçais de preparar e de assegurar a vós mesmos rendas espirituais após a vossa morte, estabelecendo esmolas e missas anuais para vós e para vossa família. Aquele que se dispõe a começar uma longa viagem para ir morar num país

longínquo faz consequentemente os preparativos; e vós faríeis a longa viagem do tempo para a eternidade sem levar convosco algumas boas obras para que o Juiz soberano vos seja favorável e vos abrir a porta do Céu? Que o dinheiro que pudeste ter, e que frequentemente serve para a iniquidade e para bagatelas, se torne um amigo para vossa alma em seu sofrimento. É um conselho não só de um amigo, de um irmão e de um padre, mas do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo. A Ele toda honra e glória, na terra onde se combate, no Purgatório onde se sofre, e no Céu onde a família se reencontrará e unida permanecerá na Felicidade Eterna!

Assim seja.

Exemplo

Um homem tinha três amigos, dois sobretudo que amava com predileção. Um dia ele foi acusado na justiça de ter cometido um grave crime, do qual era inocente. *Quem de vós*, disse ele a seus amigos, *quer me acompanhar ao tribunal e depor energicamente em favor de minha inocência?* O primeiro se desculpou, dando como pretexto que estava ocupado. O segundo o acompanhou até a porta do tribunal, parou, e voltou logo para casa, tremendo, com medo da cólera do juiz. O terceiro, aquele com quem o acusado contava menos, entrou, falou a seu favor, atestou sua hombridade e sua inocência com uma tal convicção, que o juiz não somente lhe concedeu a liberdade, mais ainda lhe garantiu privilégios.

Neste mundo o homem tem três amigos. Quando Deus o chama, na hora da morte para julgá-lo, o dinheiro, seu amigo predileto, não vai com el, mas o abandona e não lhe serve de mais nada. Seus parentes e seus próximos, o acompanham até o túmulo, derramam-lhe um pouco de água benta, e um último adeus, e retornam tranquilamente a suas casas. O terceiro amigo, aquele com quem talvez se preocupasse menos durante a vida, são as Boas Obras. Somente elas lhe foram fiéis, e o acompanham perante o juiz, o precedem, falam em seu favor

e obtêm para ele perdão e misericórdia: *opera illorum sequuntur illos*.

Alma cristã, deixai uma parte às boas obras em vosso testamento, e tereis amigos dedicados que fecharão para vós as portas do Purgatório e vos abrirão as portas do Céu. *Hoc fac et vives!*

Orações

Ladaíinha pelas almas do Purgatório

Senhor, *tende piedade de nós.*

Jesus Cristo, *tende piedade de nós.*

Senhor, *tende piedade de nós.*

Jesus Cristo, *ouvi-nos.*

Jesus Cristo, *atendei-nos.*

Deus, Pai dos Céus, *tende piedade de nós.*

Deus Filho, Redentor do mundo, *tende piedade de nós.*

Deus Espírito Santo, *tende piedade de nós.*

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, *tende piedade de nós.*

Santa Maria, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santa Mãe de Deus, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santa Virgem das Virgens, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São Miguel, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Anjos e Arcanjos, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os coros dos espíritos bem-aventurados, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Patriarcas e Profetas, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São João Batista, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São José, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São Pedro, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São João, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Apóstolos e Evangelistas, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santo Estevão, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São Lourenço, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Mártires, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São Gregório, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santo Ambrósio, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santo Agostinho, *rogai pelas almas do Purgatório.*

São Jerônimo, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Pontífices e Confessores, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Doutores, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Sacerdotes e Levitas, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Todos os Santos Monges e Eremitas, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santa Maria Madalena, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santa Catarina, *rogai pelas almas do Purgatório.*

Santa Bárbara, *rogai pelas almas do Purgatório.*

De vossa cólera, *livrai-as, Senhor.*

Da severidade de vossa justiça, *livrai-as, Senhor.*

Do verme roedor da consciência, *livrai-as, Senhor.*

Das trevas espantosas, *livrai-as, Senhor.*

Das lágrimas e gemidos, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa Encarnação, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa Santa Natividade, *livrai-as, Senhor.*

Por vosso Nome dulcíssimo, *livrai-as, Senhor.*

Por vosso Batismo e Santo Jejum, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa profunda humildade, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa grande obediência, *livrai-as, Senhor.*

Por vosso infinito amor, *livrai-as, Senhor.*

Por vossas angústias e sofrimentos, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa transpiração de sangue, *livrai-as, Senhor.*

Por vossa Coroa de espinhos, *livrai-as, Senhor.*
 Por vossas Santas Chagas, *livrai-as, Senhor.*
 Por vossa Cruz e vossa Paixão, *livrai-as, Senhor.*
 Por vossa morte ignominiosa, *livrai-as, Senhor.*
 Por vossa Santa Ressurreição, *livrai-as, Senhor.*
 Por vossa admirável Ascensão, *livrai-as, Senhor.*
 Pela vinda do Espírito Santo consolador, *livrai-as, Senhor.*

Ainda que pecadores, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Vós, que perdoastes a pecadora e ouvistes o bom ladrão, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Vós, que salvais por vossa graça, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis libertar nossos parentes, amigos e benfeitores das chamas expiadoras, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis libertar todos os fiéis defuntos de seus sofrimentos, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis ter piedade daqueles que não têm neste mundo particulares intercessores, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis perdoar a todos e libertá-los de suas penas, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis atender os seus desejos, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*
 Para que vos digneis admiti-los no Céu com os vossos eleitos, nós vos rogamos, *ouvi-nos.*

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, dai-lhes o descanso eterno (3x).

Oremos. Ó Deus, Criador e Redentor do mundo, perdoai os pecados de vossos servos e servas que a negligência dos homens esquece no Purgatório. Possam as nossas satisfações obter para eles a libertação que tanto anseiam! Senhor, que com pesar nos castigais e nos ordenastes rezar por aqueles que amais, dignai-vos abrir o Céu para as almas que partiram deste mundo e concedei-lhes a posse do

repouso e da felicidade eternos. Isto vos suplicamos, pela intercessão de vossa Santa Mãe e de todos os Santos. **Assim seja.**

Credo — Símbolo dos Apóstolos

Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos Céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. **Amém.**

Salve Rainha

Salve, rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,
para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

De Profundis

Das profundezas do abismo, clamei a Vós, Senhor: escutai minha oração. Que Vossos ouvidos estejam atentos à voz de minha súplica. Se levardes em conta nossas iniquidades, Senhor, quem poderá resistir?

Mas Vós sois cheio de misericórdia, e eu espero em Vós, Senhor, por causa de Vossa Lei. Minha alma se apoia em Vossa Palavra, eu ponho toda a minha confiança no Senhor. Desde a manhã até a noite, Israel espera no Senhor; Porque no Senhor está a Misericórdia e uma abundante redenção. É Ele que resgatará Israel de todas as suas iniquidades. Dai-lhes, Senhor, o repouso eterno. E que a luz perpétua brilhe sobre eles. **Amém.**

Oração pelas almas do Purgatório

Senhor Jesus, tende piedade das almas detidas no Purgatório. Pela sua salvação tomastes nossa natureza humana e sofrestes a morte mais dolorosa. Tende piedade do ardente desejo que têm de Vos ver, tende piedade de suas lágrimas de arrependimento. Pelos méritos de Vossa Paixão, perdoai-lhes as penas merecidas por suas ofensas. Ó doce Jesus, que o Vosso Sangue desça sobre essas almas queridas! Que abrevie seu tempo de expiação e que elas possam ser logo chamadas à vossa presença para a felicidade eterna! **Amém.**